Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Quinta-feira 30.5.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 651 / € 1,50 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

SEBASTIÃO BUGALHO

"AS FALHAS NA UNIÃO EUROPEIA TAMBÉM MOTIVARAM POPULISMOS E EUROCETICISMOS"

O cabeça de lista da AD acha "muito estranho" que Marta Temido não apoie Ursula von der Leyen e acusa a candidata do PS de "desonestidade política" por o colar à extrema-direita, dizendo que seria o mesmo que a associar à criminalização do aborto pelo Governo socialista de Malta. Alvo do que diz serem "ataques pessoais" do Chega e da Iniciativa Liberal, o ex-comentador defende que o alargamento é o grande desafio da Europa num mandato em que promete "equilíbrio" entre transição energética e reindustrialização. Para já, conta celebrar uma vitória sobre os extremismos.

PÁGS. 4-7

SUSPEITAS HÁ PELO MENOS 30 INSPEÇÕES E AUDITORIAS A DECORRER NO MINISTÉRIO DA DEFESA

PÁG. 14

Plano para a Saúde
Medidas do Governo "deixam dúvidas" e "receios". "Com que médicos vão fazer isto?"

PÁGS. 12-13

Fiscalização
Despesa pública cancelada pelo Tribunal de Contas triplica em 2023

PÁG. 16

Iván Duque
Ex-presidente colombiano defende Javier Milei e Jair Bolsonaro

PÁGS. 18-19

Futebol
Di María quer retirar-se com Messi nos EUA

PÁG. 22

Cinema
O Bêbado, um filme de *suspense* em Setúbal com máfia de Leste e tráfico de mulheres

PÁG. 25

Até ver...

Leonídio Paulo Ferreira
Diretor adjunto do Diário de Notícias

As ambições polacas

Da encomenda de mísseis americanos às restrições de movimentos dos diplomatas russos, passando pelo forte reforço das fronteiras com a Bielorrússia e com o enclave russo de Kaliningrado, várias notícias nos últimos dias mostram a determinação da Polónia de estar na primeira linha do esforço ocidental para contrariar a Rússia. E se não se vê nesta atitude grandes diferenças entre o atual Governo liberal e o seu antecessor conservador, a verdade é que foi já com Donald Tusk de novo como primeiro-ministro que se confirmou que o orçamento militar polaco, em 2023, atingiu os 3,9% do PIB, o mais alto em termos relativos de todos os Estados-membros da NATO.

Sem dúvida que a invasão russa da Ucrânia em 2022 foi especialmente sentida pelos polacos, não só pela proximidade com os ucranianos como também pela traumática história das relações polaco-russas. É certo que em 1610-1612 o Exército polaco chegou a ocupar Moscovo, numa época em que a Federação Polaco-Lituana era uma das grandes potências da Europa e a Rússia vivia uma era de caos, mas na memória popular está bem mais presente a partição do país no final do século XVIII por russos, austríacos e prussianos, a tentativa da Rússia Bolchevique de impedir a independência proclamada em 1918, ou a invasão soviética de setembro de 1939, quando os polacos lutavam já contra a Alemanha, o outro inimigo histórico desta nação com mil anos. A era comunista, no pós-Segunda Guerra Mundial, também deixou recordações amargas em relação aos russos, pois os governantes de Varsóvia estavam às ordens de Moscovo, tal como era regra nos países da Europa de Leste.

Finda a Guerra Fria e extinto o Pacto de Varsóvia (ironicamente, a capital polaca foi o palco da assinatura, em 1955, do acordo militar destinado a contrabalançar a NATO), a nova Polónia, com os pergaminhos democráticos conquistados com a luta do sindicato Solidariedade de Lech Walesa, assumiu-se marcadamente do campo Ocidental. De maioria católica – e recordemos como o Papa João Paulo II, o polaco Karol Wojtyla, foi importante no desafio ao comunismo –, a Polónia tenta ser, do ponto de vista histórico, uma espécie de líder dos eslavos ocidentais, por contraponto aos eslavos orientais, tradicionalmente na esfera da Igreja Ortodoxa Russa. E houve momentos mesmo em que foi a intervenção polaca, como a do rei Jan Sobieski, em 1683, a desfazer o cerco turco a Viena, que salvou a Cristandade, pelo menos aquela que obedece ao Papa.

Bem mais perto do nosso tempo, destaque-se o pioneirismo do país na adesão à NATO, logo em 1999, no apoio à América aquando da invasão do Iraque em 2003, também a entrada na UE em 2004, o maior dos dez países do chamado grande alargamento.

A ambição política da Polónia pós-1989 (ano do primeiro Governo do Solidariedade, entretanto transformado em movimento político) pode ter sido alimentada por algum revanchismo histórico, mas contou com uma impressionante dinâmica económica. Com um importante mercado interno (quase 40 milhões de habitantes), vizinha da Alemanha – e, portanto, atrativa para a deslocalização de empresas –, e dona de uma mão-de-obra qualificada a bom preço, a Polónia teve anos dourados sucessivos, décadas até, o que faz com que hoje seja a quinta maior economia da UE e a 21.ª a nível mundial (desde 1991, todos os anos foram de crescimento, exceto 2020, com a pandemia).

Não por acaso, George Friedman, no seu livro *Os Próximos 100 Anos*, apontava a Polónia como uma das potências emergentes, um país capaz de surpreender no contexto europeu e até global. Empresas portuguesas como o Millennium, a Jerónimo Martins e a Mota-Engil foram das primeiras a acreditar no milagre económico polaco.

Membro fortemente entusiasta da NATO, ao ponto de se poder dizer que Varsóvia confia mais em Washington do que em Bruxelas, a Polónia tem uma população que se sente atlantista e, mesmo entre os mais conservadores, europeísta. Os choques nos últimos anos entre o Governo conservador e a União Europeia, que acusava a Polónia de estar a pôr em risco o Estado de Direito, pertencem agora ao passado, tanto mais que Tusk, além de liberal, é um devoto de Bruxelas, ou não tivesse sido presidente do Conselho Europeu, depois de uma primeira experiência como primeiro-ministro até 2014.

Portanto, é natural que tanto Joe Biden como Ursula von der Leyen se sintam reconfortados com o caminho que leva a governação em Varsóvia, e, ao contrário do líder americano, a presidente da Comissão Europeia até pode vir a beneficiar do importante apoio polaco para os seus planos de reeleição.

Em termos absolutos, os 31,6 mil milhões investidos pela Polónia em Defesa em 2023, colocam o país apenas em 14.º mundial em termos de despesas militares, com o trio da frente a continuar a ser os Estados Unidos, a China e a Rússia. A Ucrânia surge em 8.º. Mas a duplicação, numa década, da percentagem do PIB investido (era 1,9% em 2014) mostra bem como o conflito em território ucraniano é visto como existencial por polacos e outros países de Leste, casos da Estónia, Letónia e Lituânia, que faziam parte da União Soviética em 1991, quando esta se desagregou, pondo fim a uma Guerra Fria que nos últimos anos parece ter regressado ainda que com contornos diferentes.

Mais do que as ambições de poder polacas, é preciso ter em conta os traumas históricos (não esquecer o massacre de oficiais em Katyn, que durante décadas os soviéticos atribuíram aos nazis) para perceber a relativa facilidade com que o Governo de Varsóvia concretiza em termos orçamentais o apoio esmagador que as sondagens internacionais mostram do seu povo à Ucrânia e à necessidade de contrariar a Rússia.

Também pela ausência dessa relação trágica com a Rússia (a distância conta), percebe-se por que o forte apoio que as mesmas sondagens mostram dos portugueses à Ucrânia (o segundo na Europa, só atrás dos polacos, e ainda esta semana se comprovou a popularidade de Volodymyr Zelensky na visita que fez a Portugal) não pressiona verdadeiramente o Governo (seja este da AD, seja antes o do PS) a aumentar a despesa militar, que está ainda nos 1,5% do PIB, muito longe dos 2% assumidos como compromisso pelos 32 Estados-membros, mas que só 11 cumpriram em 2023, segundo os dados do SIPRI, o Instituto de Estocolmo para a Paz, uma autoridade nesta matéria.

Voltando aos polacos, e às previsões do americano Friedman, não deixa de ser evidente um desejo não só de afirmação perante a Rússia (o presidente Andrzej Duda chegou a falar de instalar armas nucleares americanas no país, com Moscovo a dizer logo que eram "declarações provocadoras"), como a confirmação de uma estratégia de liderança regional, antes confinada ao chamado Grupo de Visegrado (que inclui também checos, eslovacos e húngaros), mas agora estendendo-se ao Báltico e, de certa forma, à própria Ucrânia, apesar de a relação bilateral ter alguns escolhos.

Se a economia continuar a crescer, e o continente não mergulhar, de súbito, numa guerra generalizada – como há quem tema, devido à nova corrida aos armamentos –, teremos uma potência a ressurgir a Leste, um parceiro a ter em conta pela dupla que costuma mandar mais na UE, como mostrou a cimeira em março, em Berlim, do presidente francês Emmanuel Macron e do chanceler alemão Olaf Scholz com o polaco Tusk. Mas muita atenção: já depois da invasão da Ucrânia, Friedman, o tal que prevê um grande futuro para a Polónia, analisou o país e aconselhou a que este tivesse o máximo de cuidado ao lidar com a Rússia, que continua a ser um poderoso rival.

"Membro fortemente entusiasta da NATO, ao ponto de se poder dizer que Varsóvia confia mais em Washington do que em Bruxelas, a Polónia tem uma população que se sente atlantista e, mesmo entre os mais conservadores, europeísta."

30.5.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

SEBASTIÃO BUGALHO

"Acho muito estranho que Marta Temido não apoie Ursula von der Leyen"

Cabeça de lista da Aliança Democrática acusa ex-ministra de "desonestidade política" por o colar à extrema-direita, dizendo que seria o mesmo que a associar à criminalização do aborto pelo Governo socialista de Malta. Alvo do que diz serem "ataques pessoais" do Chega e da Iniciativa Liberal, o ex-comentador garante preferir ideias que resolvam problemas dos eleitores e defende que o alargamento é o grande desafio da Europa num mandato em que promete "equilíbrio" entre transição energética e reindustrialização. Para já, conta celebrar uma vitória sobre os populismos e os extremismos.

ENTREVISTA **LEONARDO RALHA** FOTOS **PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS**

Já descobriu o segredo para convencer as pessoas de que é importante, naquela véspera de feriado, irem eleger os 21 representantes de Portugal no Parlamento Europeu?
Acho que as pessoas têm essa noção, até pelo ambiente que o mundo e a Europa estão a viver. Estas Europeias são diferentes das outras. Diz-se isso de cada vez que há Europeias, mas em 2024 é mesmo verdade. Acho que os portugueses o sentem. E não tem tanto a ver com a sua confiança em relação às instituições europeias, porque os portugueses gostam da Europa, do euro e de fazer parte da Europa. Tenho sentido na rua que há um sentimento protetor em relação àquilo que a Europa é. E a invasão da Ucrânia reforçou-o. Creio que a importância de ir votar e de participar está muito presente. A nossa campanha, obviamente, tem isso em conta.
Mas existe ou não a possibilidade de as Europeias serem vistas por muitos como uma segunda volta das Legislativas ou um plebiscito do Governo da Aliança Democrática?
Por muitos eleitores ou por muitos políticos?
Muita gente poderá ver as eleições assim.
Esta entrevista está a ser gravada no primeiro dia na estrada da campanha oficial, mas na pré-campanha já sentia que o país não quer voltar para trás. Espero que a 9 de junho, com os temas europeus e o nosso programa, consigamos confirmar essa vontade de seguir em frente para o lado da Europa.
Seria uma contaminação virtuosa?
Não lhe chamaria contaminação, mas virtuosa parece-me ser um adjetivo correto.
Numa das entrevistas a cabeças de lista que o DN já fez, um candidato [Cotrim de Figueiredo, IL] disse que os que gostam da Europa distinguem-se entre quem defende reformas a sério e quem acha que as coisas vão lá com uns retoques. Revê-se nessa crítica?
Reformas das instituições europeias? Olhando para os próximos cinco anos na Europa, que é o nosso mandato, temos um grande desafio, que é o alargamento. Mesmo não querendo falar do caso da Ucrânia, que é um país em guerra, mas também irá fazer parte da família europeia, há um conjunto de países – a Sérvia, o Montenegro, a Bósnia, o Kosovo, a Albânia, a Macedónia do Norte e a Geórgia – que querem entrar na União Europeia. Julgo que não podemos cair no erro de confundir a necessidade de reforma de tratados com a necessidade do alargamento, porque quem confunde as duas coisas acaba por não conseguir nenhuma. Portugal tem de ter uma voz ativa no processo do alargamento. Nós temos uma proposta de integração gradual dos Estados-membros que têm estatuto de pré-adesão. Não me parece poucochinho estar a pensar no alargamento como futuro estratégico da União. E não me revejo, por exemplo, em mudan-

PERFIL

Sebastião Bugalho tem 28 anos e carreira no jornalismo e comentário político. Desafiado por Luís Montenegro para ser o cabeça de lista da AD nas eleições para o Parlamento Europeu, tem estatuto de independente, como nas Legislativas de 2019, quando Assunção Cristas o convenceu a ser o sexto do CDS-PP por Lisboa. Não foi eleito deputado, e recusou assumir mandato quando outros renunciaram. Filho dos jornalistas João Bugalho e Patrícia Reis, era atualmente comentador na SIC Notícias e colunista do *Expresso*. Também escreveu para o DN e foi jornalista do *Sol* e do *i*.

"A forma mais eficaz de combater a imigração ilegal e as redes de tráfico humano é reforçar os mecanismos de imigração legal e o Pacto [de Asilo e Migrações] *é humilde nessa ambição."*

"Durante muito tempo a Europa, no fundo, desculpabilizava-se e responsabilizava os populistas pelos seus erros e os seus problemas, esquecendo-se de que, muitas vezes, os erros e as falhas da União Europeia também estavam a motivar a ascensão de populismos e euroceticismos."

"O presidente do PSD queria propor o meu nome à direção do partido. Pedi-lhe 10 minutos, e ele deu-me 12. Foi generoso. Acabei por dizer que sim. E todos os dias estou mais convicto de que fiz bem."

ças de tratados que reduzam o número de comissários, porque seria não só negativo para os países que querem entrar – pois alguém que quer entrar numa família quer sentar-se à mesa com o resto da família –, como também prejudicial para nós, que somos um país pequeno. A sensibilidade portuguesa tem de estar representada no colégio de comissários. Sabemos que os comissários não vão para lá representar interesses dos países, que têm as suas pastas, mas também têm uma sensibilidade. Alguém que queira reformar tratados e instituições europeias para reduzir comissários está a retirar a sensibilidade portuguesa da Comissão Europeia. Não queremos isso, sou contra essa ideia, esta candidatura é contra essa ideia. Quem quer acabar com a unanimidade nas votações do Conselho da Política Externa está a deixar Portugal desprotegido em relação às suas alianças seculares, nomeadamente a lusofonia. Mexer só por mexer muitas vezes não dá bom resultado.

O que é que os deputados da Aliança Democrática (AD) eleitos a 9 de junho poderão fazer concretamente para responder a esses desafios?

Tenho dito muitas vezes que quero que Portugal seja mais forte na Europa. É uma coisa que os portugueses querem, porque querem ter uma voz na Europa, mas também querem uma Europa mais forte no mundo. E é um desafio difícil. Temos muito mais regras a cumprir do que os outros. Estamos a competir com *players*, no mundo global, que não são tão respeitadores do ambiente, dos Direitos Humanos e das regras de segurança, nomeadamente da alimentar. Somos muito mais cumpridores do que os outros, o que, no mundo em concorrência, nos deixa em alguns momentos em desvantagem. Como vamos mitigar essa desvantagem? Por exemplo, queremos melhorar o *Pacto de Asilo e das Migrações*, que o PPE votou a favor, assim como os Socialistas, mas temos uma visão crítica. Vamos fazer tudo no Parlamento Europeu para o *Pacto* ser mais humano e eficaz. Poderia ser mais eficaz no reforço dos mecanismos da imigração legal, porque muitas vezes esquecemos que a forma mais eficaz de combater a imigração ilegal e as redes de tráfico humano é reforçar os mecanismos de imigração legal, e o *Pacto* é humilde nessa ambição. A diretiva que prevê o *Cartão Azul*, o *Blue Card*, visa atrair talentos qualificados com contrato de trabalho e salário de três mil euros, cerca do dobro do salário médio português.

Para Portugal isso é problemático.

Obviamente que é um mecanismo quase elitista, que não está feito para países como nós. Em Olhão, um pescador perguntou-me: "Se temos um mar muito diferente do mar dos outros, por que é que as políticas têm de ser as mesmas?" É possível defender a Europa, mas respeitar a sua diversidade, seja na aquacultura, nas migrações ou na política de Defesa.

Se não se derem essas respostas, deixa-se as pessoas nas mãos dos populistas?

Isso aconteceu num período que os portugueses não esquecem, que foi a da crise financeira. Mas a Europa tem vindo a melhorar e não podemos ser excessivamente críticos e ter uma visão apocalíptica. Por exemplo, o novo modelo de governança garante aos Estados-membros da União Europeia mais autonomia nos orçamentos, desde que cumpram as regras do Plano de Estabilidade e Crescimento. Se cumprirmos com o défice e com a dívida, temos mais autonomia na nossa gestão orçamental. Isso é muito positivo, porque se tratarmos todos por igual as pessoas vão à procura de respostas dos populistas. Mas se permitirmos aos Governos nacionais uma autonomia orçamental que lhes permita diferenciar as políticas públicas, mais ao centro-direita ou mais ao centro-esquerda, sentem que existem alternativas dentro daqueles que defendem a Europa e a democracia. É um passo muito positivo que a Europa está a dar ultimamente para se proteger dos populismos, porque as pessoas só votam nos populistas quando não veem soluções do outro lado.

Por vezes é difícil convencer os políticos de que o populismo não nasce do ar...

Eu fui criticado por ter sido crítico da União Europeia. A União Europeia cresceu e melhorou, felizmente. Até acho que a União Europeia se europeizou nos últimos anos. Por uma razão muito simples: durante muito tempo a Europa, no fundo, desculpabilizava-se e responsabilizava os populistas pelos seus erros e os seus problemas, esquecendo-se de que, muitas vezes, os erros e as falhas da União Europeia também estavam a motivar a ascensão de populismos e euroceticismos. Agora, felizmente, a Europa é mais consciente de si própria. E isso permitiu este novo modelo de novas regras para a União Europeia e para a Zona Euro, que é profundamente positivo, pois dá mais autonomia aos Estados dentro do cumprimento das regras de responsabilidade financeira, que ainda por cima agora são consensuais em Portugal.

Quanto tempo demorou a responder quando Luís Montenegro lhe fez o convite para ser o cabeça de lista da AD?

O tempo que ele me deu. (*Risos*). Foram 12 minutos. Não estava à espera do convite, obviamente que tinha de falar com a minha família, falar com a minha entidade empregadora e fazer uma reflexão. O presidente do PSD queria propor o meu nome à direção do partido. Pedi-lhe 10 minutos, e ele deu-me 12. Foi generoso. Acabei por dizer que sim. E devo dizer que todos os dias estou mais convicto de que fiz bem.

Ao fazer essa reflexão decerto elencou riscos e oportunidades.

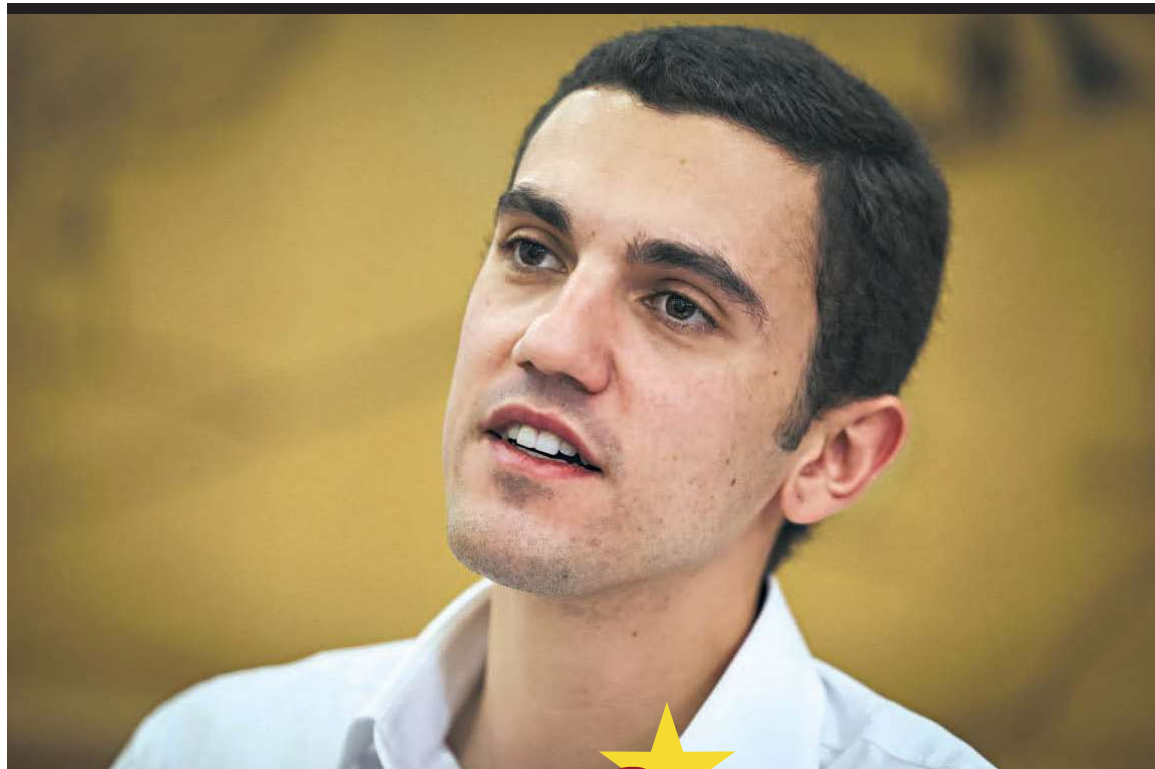
continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

Uns e outros continuam a ser os mesmos decorridas estas semanas?
Na política e na vida há sempre riscos e oportunidades. Na democracia há sempre o risco da vitória e da derrota. A beleza da democracia é não ganhar sempre o mesmo.
É preciso ter sempre dois discursos preparados?
Eu ainda não preparei o discurso da noite de 9 de julho, isso posso garantir. Decidi aceitar porque quero servir e porque acredito naquilo que estou a fazer. Acredito muito na minha equipa, acredito muito no meu programa, acredito muito que a Europa é uma forma de serviço público. Na minha antiga profissão, que é o jornalismo, também fui educado para a exercer com espírito de serviço público. Percebo que esta resposta possa ser muito entendida como politicamente correta, mas acredito muito no que estou a fazer, porque acredito que procurarei servir a causa pública europeia. Não tive que ver vantagens e desvantagens.
Houve alguma coisa que já tenha aprendido enquanto cabeça de lista que contrarie aquilo que acreditava enquanto comentador?
Posso dizer que sim. Estar na vida política é muito mais difícil do que as pessoas acham, inclusivamente as que estão próximas dos políticos, como os comentadores e jornalistas. É como uma bicicleta: um tipo só não cai se continuar a andar. São lições que me estão a fazer crescer. As pessoas falam muito da minha ambição, que é uma ambição de aprender e fazer melhor. E um desafio tão grande, de uma eleição nacional e europeia, num ano como 2024, está a fazer-me crescer. Se há coisa que aprendi, foi talvez... descobrir o melhor dos piores momentos. É uma lição que a política nos obriga a aprender, que nos ensina, e estou a aprendê-la com um sorriso.
Diz-se muito que a política é uma arte do compromisso.
E no Parlamento Europeu...
Um comentador, nomeadamente um comentador incisivo, não tem de se preocupar com tais coisas...
Há princípios de que nunca abdiquei: o papel do Parlamento, a autonomia do Ministério Público, a liberdade de imprensa, a pertença à União Europeia ou os Direitos Humanos. No meu percurso, enquanto analista, jornalista e comentador, durante nove anos de vida pública, tive esses princípios de que não abdiquei. E são relativamente consensuais e centrais na nossa democracia, tanto a portuguesa, quanto a europeia. Mas ser político é diferente de ser jornalista. E estou a aprender a sê-lo. Da parte dos nossos adversários, a campanha tem sido um pouco confrontacional. Eu ainda não fiz, nem vou fazer, nenhum ataque pessoal. Há ataques que me são feitos por ser jovem ou por ser envelhecido. Vários ataques.
Alguns foram bastante duros. Tânger Corrêa chamou-lhe "malformado" e Cotrim de Figueiredo descreveu-o como "precocemente envelhecido". Foi uma surpresa?
Foi uma surpresa no sentido em que, como sabem que eu nunca o farei a eles, sabem que têm vantagem em fazer-mo a mim, porque nunca lhes responderei na mesma moeda. Podem atacar à vontade, porque estão a atacar alguém que sabem que não os vai atacar pessoalmente. Eu estou mais focado nas pessoas e nas ideias. Esta candidatura não é uma candidatura contra nenhum partido. É a favor dos portugueses na Europa e a favor da Europa no mundo. Perguntou-me se ser comentador é mais confrontacional do que ser político. É certamente mais confrontacional do que esta candidatura.

"Ursula von der Leyen tem o apoio da AD, tem o apoio do PPE, e só acho estranho que não tenha o apoio do PS. Citando António Costa: 'Fez um excelente mandato nos últimos 5 anos e só tenho a dizer bem'."

"Há linhas vermelhas claras na nossa relação com qualquer família política: a defesa do Estado de Direito, a defesa da pertença europeia e a defesa da Ucrânia. São as nossas linhas vermelhas, com a ECR, com o ID, com quem seja."

Sente-se mais preparado agora do que estava nas Legislativas de 2019, quando foi candidato [do CDS-PP] a um lugar teoricamente elegível?
Mais preparado para quê?
Para o mandato que irá assumir.
Sentia-me preparado para ser deputado da Assembleia da República em 2019. Por isso é que aceitei o convite, como independente, tal como agora. Ninguém lhe vai dizer que está 100% preparado para tudo na política, porque isso não existe. Na política é impossível estar preparado para tudo, porque na política tudo muda a toda a hora. Sinto é que temos as propostas que vão responder da melhor maneira aos anseios dos portugueses. As pessoas vêm ter comigo na rua e dizem-me isso. Sinto que os jovens querem que a habitação seja levada a sério, sinto que os mais velhos gostam da nossa preocupação com o cartão *65 Plus*. Sinto-me preparado para responder a quem precisa de soluções para os seus problemas.
Tendo em conta a importância do voto jovem na viragem à direita nas Legislativas, admite que a sua escolha para cabeça de lista teve a ver também com essa circunstância?
É sempre ingrato falar em causa própria. É verdade que sou jovem, mas o nosso programa e a nossa equipa são mais do que isso. A nossa recandidata Lídia Pereira, presidente da Juventude do Partido Popular Europeu (PPE), era mais nova do que eu quando entrou para o Parlamento Europeu. E temos autarcas muito experientes, como o Paulo Cunha e o Hélder Silva. É uma equipa muito coesa e diversa, do ponto de vista geracional, regional e de percurso de vida. Para ser franco, não acho que tenha sido só escolhido pela idade ou pela notoriedade. Fui escolhido, sinto eu, porque acredito neste espírito de serviço público pela Europa e pelos portugueses na Europa. Sobre as razões que levaram o primeiro-ministro a escolher-me, terá de lhe perguntar a ele.
Condiciona-o debater com candidatos que têm idade para ser seu pai, sua mãe e até seu avô?
Não me condiciona, porque respeito todos os seres humanos com os quais debato. Aliás, telefonei aos cabeças de lista de todos os partidos, por uma questão de cortesia democrática. E já estava habituado a debater com senadores da política, como José Miguel Júdice ou Ana Gomes. O contacto com pessoas mais velhas não é exatamente uma novidade para mim, e não me sinto intimidado, mas a democracia é o voto, e temos todos o mesmo poder naquele momento. Tanta diversidade de ideológica, geracional e de vida nas Eleições Europeias é um bonito elogio aos 50 anos do 25 de Abril. Só posso estar satisfeito com isso.
Nos últimos ciclos eleitorais, os partidos do PPE ficaram em posição subalterna em relação a outras forças de direita em França e em Itália, dois dos maiores países da União Europeia. Que lições se podem retirar para assegurar que o mesmo não acontecerá também em Portugal?
Com humildade e trabalho, sinto que é muito possível o sistema político português manter-se, com os seus partidos fundadores, a responder aos anseios dos portugueses. E com a AD a ser protagonista dessa resposta, pois está no Governo nacional, no Governo na Madeira, no Governo nos Açores, no Governo na capital e, oxalá, será a maior delegação do Parlamento Europeu. Se me perguntam como devemos responder aos extremismos, é respondendo aos problemas das pessoas, não tendo medo da realidade e da verdade. É olhar as pessoas nos olhos e dizer-lhes: digam-me o que as aflige e confiem em mim, porque vou resolver o problema. É não ter medo de falar de problemas de segurança, de envelhecimento, de coesão territorial, de migração. É não ter medo dos problemas para chegar às soluções. Não é inventar tabus, nem polémicas, quando não temos agenda, nem coragem de falar dos problemas. Assim é que se combate o populismo e o extremismo.
Os partidos de direita tradicional ao longo da Europa têm tido grandes dificuldades em fazê-lo.
Noutros países da Europa, esse é um fenómeno que obviamente existe, mas no nosso país... Vou dar um exemplo que nem sequer é muito favorável à AD. O PS teve uma maioria absoluta há dois anos e é um partido fundador do regime. O PSD governa, neste momento, o Governo nacional, as duas regiões autónomas e a maior câmara do país. Portanto, também tem grande preponderância eleitoral. Acho que o nosso sistema político tem resistência, o que é saudável do ponto de vista democrático, e que estas Eleições Europeias o confirmarão, com uma vitória da AD.
Ursula von der Leyen tem sido acusada de ser mais eficaz nas grandes crises do que na gestão corrente e no desenvolvimento da União Europeia. Isto é uma crítica correta?
Era impossível fazer tudo ao mesmo tempo. A Europa tem 450 milhões de habitantes e 27 Estados-membros. Era impossível gerir a crise do covid, a guerra da Ucrânia, a inflação e, mesmo assim, gerir todas as outras reformas internas de que a União Europeia precisa. No caso do mercado interno, é óbvio que a partir do momento em que há ajudas de Estado tão volumosas e díspares, pois alguns países têm capacidade de dar ajudas de Estado diretas muito maiores do que outros, isso desvirtua o mercado interno e precisa de ser acautelado. Mas era impossível responder à sucessão de crises e ao mesmo tempo manter a aposta numa revitalização tão acelerada da União Europeia. A política dos pequenos passos não tem de se manter, mas a política dos passos médios é sempre boa conselheira.
No que toca à pressão migratória, à emergência climática, ou à transição energética, a resposta da Comissão Europeia tem sido eficaz?
Dado o contexto, não posso ser excessivamente crítico. Temos de fazer a transição energética. Estamos comprometidos, mas não podemos fazer uma transição verde que sacrifique a economia europeia. Caso contrário, vamos levar os investidores a colocarem fábricas onde não haja as mesmas regras, em países fora da União Europeia, onde continuarão a poluir na mesma. O grande objetivo da transição ecológica, da transição verde, é garantir que a conseguimos fazer dentro do espaço europeu, cumprindo com as regras, mas sem incentivar os investidores a fugirem. Continuarmos a ser defensores do mercado livre e da economia social do mercado, sem cair na tentação do protecionismo, ao mesmo tempo que temos competidores industriais, como a China e os Estados Unidos. Vivemos num tempo onde não é fácil fazer escolhas, onde os dilemas existem. Um exemplo muito claro: como é que conseguimos cumprir com as metas do *Pacto Ecológico* e fazer a reindustrialização europeia ao mesmo tempo? É difícil, mas nós no Parlamento Europeu, com uma voz portuguesa, vamos fazer o máximo por essa transição e por essa reindustrialização, com equilíbrio e bom senso.
Uma reindustrialização que passe também por Portugal?
Que passe por Portugal. No nosso programa está uma estratégia para a competitividade limpa, em que as energias amigas do ambiente consigam trazer competitividade à economia. A União Europeia está preocupada com isso. Não vale a pena é fingir que os problemas não existem. Não vale a pena estar só focado no desafio geoestratégico e não no problema ambiental. Ou só no problema ambiental e ignorar o desafio estratégico. É que, assim, não vamos resolver nenhum e só vamos garantir que aumentam os dois.

Parece-lhe evidente que Ursula von der Leyen é a candidata ideal para dirigir a Comissão Europeia nos próximos 5 anos?
Ursula von der Leyen tem o apoio da AD, tem o apoio do PPE, e só acho estranho que não tenha o apoio do PS. Citando António Costa: "Fez um excelente mandato nos últimos 5 anos e só tenho a dizer bem." Acho muito estranho que Marta Temido não a apoie, e isto não é um ataque pessoal – é uma constatação. Marta Temido diz que é muito a favor do *Next Generation EU*. É muito a favor do PRR e da bazuca. É muito a favor da aquisição conjunta de vacinas por parte dos Estados-membros da União Europeia. Foram todas políticas da Comissão Europeia de Ursula von der Leyen. Como é que ela não a apoia? Eu não percebo.
Portanto, seria coerente da parte dos socialistas apoiá-la?
Só seria coerente apoiá-la.
Vários dos seus adversários acusam o PPE e a AD de distinguirem entre a "extrema-direita boa", dos Conservadores e Reformadores (ECR), e a "extrema-direita má", da Identidade e Democracia (ID). Em sua opinião, que distingue essas duas famílias políticas europeias?
Há linhas vermelhas claras na nossa relação com qualquer família política: a defesa do Estado de Direito, a defesa da pertença europeia e a defesa da Ucrânia. São as nossas linhas vermelhas, com o ECR, com o ID, com quem seja.
Noutras famílias europeias há muita gente que não tem grandes pergaminhos nesses três pontos...
Repare que nós, na AD, até quando é para divergir do PPE, não temos problemas em fazê-lo. Do ponto de vista das migrações, quando há excesso de ortodoxia; na questão do aumento das taxas de juros do BCE, o PPE tinha uma posição e a AD teve outra. No *Pacto de Migrações e Asilo*, o PPE tinha uma posição e no reagrupamento familiar nós tínhamos outra. No que toca aos Direitos Humanos e à identidade da democracia portuguesa, não temos qualquer prurido em defendê-la, seja dos mais radicais, seja até dentro da nossa família política. O que não faço é o exercício de desonestidade política – não digo pessoal, mas política – de tentar confundir partidos nacionais com as suas famílias europeias, quando elas são tão abrangentes e diversas. Seria a mesma coisa que se eu estivesse nesta entrevista a dizer que Marta Temido é contra a interrupção voluntária da gravidez, porque o aborto em Malta é crime e o Governo é socialista. Seria a mesma coisa que se eu dissesse que Marta Temido é a favor de políticas migratórias como a do Ruanda, que deporta refugiados para outros países, porque o Governo dinamarquês é socialista. Seria a mesma coisa que se eu dissesse que Marta Temido é a favor da construção de muros físicos nas fronteiras, só porque o Pedro Sánchez, que é socialista, o fez em Ceuta e em Melilla. Não faço isso. Só lamento que o façam connosco.
O PPE deve assumir que é possível e desejável chegar a entendimentos com partidos à sua direita, como os Irmãos de Itália da primeira-ministra Giorgia Meloni?
Enquanto eurodeputado, os entendimentos que procurarei serão sempre em defesa do Estado de Direito, da União Europeia, da democracia, dos Direitos Humanos e da defesa da Ucrânia. Qualquer força política que não cumpra com estes princípios, para mim é uma linha vermelha.
Portanto, se o Chega passasse a integrar o ECR isso não alterava automaticamente a posição em relação a esse partido?
Sobre onde o Chega está, e para que família vai, ouvi várias versões: que fica no ID, que vai para o ECR, que quer fundir os dois grupos... Como não se consegue perceber a posição, não faço nenhum comentário. Posso garantir que as minhas linhas vermelhas se aplicarão ao Chega, como a qualquer outro partido no Parlamento Europeu.
Concorda com o "não é não" defendido por Luís Montenegro?
A posição de Luís Montenegro na campanha nacional é a posição da AD na campanha das Eleições Europeias, como é óbvio.
Até onde é que a União Europeia deve estar disposta a ir pela defesa da independência ucraniana?
Até à derrota russa. É a única forma de a Europa continuar defendida.
Isso implicará a intervenção de tropas europeias da NATO no terreno?
Não, porque isso significaria que, em vez de ser a Rússia que está em guerra com a Europa, também entraríamos em guerra com a Rússia, o que temos conseguido, felizmente, evitar. O que o nosso programa diz, numa proposta construtiva e em prol da paz, é alargar a força de intervenção externa europeia, que já existe, a médicos e enfermeiros militares, precisamente para salvar vidas. Em terreno de batalha, onde há quem esteja a defender o seu país, em campos de refugiados e em missões de paz. Quando pensamos em Defesa pensamos em rearmar a Europa, mas para se defender e não para atacar ninguém. Não temos uma visão belicista.
Debateu com um candidato, João Oliveira, do PCP, para quem o massacre continua por se dar armas à Ucrânia.
Todos aqueles que querem desarmar a Ucrânia querem apenas a vitória de Vladimir Putin. Se o PCP tem essa posição, só posso considerar estranho, tendo em conta que Putin foi o maior financiador dos partidos da extrema-direita europeia nos últimos 10 anos. É uma posição que não consigo honestamente compreender. E ainda menos da parte de João Oliveira, pessoa que eu estimo.
É provável que os portugueses sejam contra o alargamento se ouvirem que isso tenderá a acabar com os fundos comunitários?
Ninguém com dois dedos de testa afirmou que os fundos europeus acabam por haver alargamento. Já houve alargamento antes e não acabaram. Temos é de ser realistas: há que aumentar mecanismos de receita própria europeia. Estamos a trabalhar nisso. Há vários modelos, nomeadamente o mecanismo de ajustamento fronteiriço de carbono, a taxa sobre plásticos de utilização única e as licenças para emissão de carbono. Obviamente que a Europa tem de aumentar os meios de financiamento, mas se dissermos aos europeus e aos portugueses que o alargamento significa que os fundos vão acabar não estaremos a dizer a verdade. O alargamento é um imperativo estratégico europeu e a Europa vai ser mais Europa depois do alargamento.
A experiência na busca de consensos improváveis é um contraponto para a falta de currículo em reformas estruturais caso exista a hipótese de António Costa presidir ao Conselho Europeu?
O que no fundo me está a perguntar é se é possível que António Costa vá ser menos mau presidente do Conselho Europeu do que foi primeiro-ministro de Portugal?
Pergunto se as suas qualidades podem ser melhor aproveitadas no Conselho Europeu.
Os eurodeputados não têm voto para decidir quem vai para o Conselho Europeu, e é António Costa que tem de assumir se é candidato ou não e o Partido Socialista Europeu tem de decidir se o apoia ou não.
Há algum português ou portuguesa que gostasse de ver na próxima Comissão Europeia?
Como essa é uma escolha de um primeiro-ministro, se respondesse a essa pergunta estaria a dar razão às pessoas que acham que sou demasiado ambicioso. (*Risos*). Como não sou primeiro-ministro, não vou responder.

PERCURSO NA EUROPA

Há cinco anos, PSD e CDS concorreram separados às Europeias, com os sociais-democratas a terem 21,94%, com seis mandatos, e os centristas, com 6,19%, a elegerem o cabeça de lista (e atual líder) Nuno Melo. Há que recuar 10 anos para uma coligação semelhante à Aliança Democrática, com PSD e CDS a terem 27,71% em 2014, que valeram sete mandatos. novamente com vitória do PS. A última vez que o centro-direita venceu as Europeias foi em 2009, com listas separadas: o PSD teve 31,71% (oito eleitos), e o CDS-PP colocou dois, com 8,37%. A coligação Força Portugal (PSD e CDS) teve o segundo lugar em 2004, com 33,27%, na primeira vez que os partidos juntaram forças para o Parlamento Europeu. Ambos pertencem agora ao Partido Popular Europeu, mas o PSD esteve nos liberais e o CDS passou pela Europa das Nações.

ÁLVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS

Cristina Rodrigues (Chega) será a relatora da Comissão de Inquérito que envolve o Presidente da República.

Dúvidas sobre comunicações adiam decisões na CPI das Gémeas

PARLAMENTO Auditor jurídico da Assembleia da República vai entregar parecer sobre acesso a mensagens de WhatsApp e Messenger, estando também em causa processos clínicos.

TEXTO **LEONARDO RALHA***

As objeções de alguns deputados quanto ao acesso a comunicações pessoais e informações clínicas pedidas pelo Chega atrasaram os trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) às circunstâncias em que duas gémeas luso-brasileiras foram tratadas no Serviço Nacional de Saúde com o medicamento Zolgensma. Na reunião realizada ontem à tarde ficou definido que a deputada do Chega Cristina Rodrigues será a relatora, mas foi igualmente decidido pedir um parecer ao auditor jurídico da Assembleia da República, que deve ser apresentado na reunião seguinte, que será agendada para um dos dias da próxima semana.

Na reunião de ontem, presidida pelo deputado do Chega Rui Paulo Sousa, foi também aprovado por unanimidade o projeto de regulamento e a grelha de tempos. No entanto, a discussão dos documentos a serem escrutinados pelos deputados espelhou as diferenças entre os partidos representados.

O presidente da CPI recordou que, na qualidade de requerente, o Chega pode pedir a documentação que pretender, enquanto os restantes pedidos terão de ser submetidos a votação, propondo que tal decorresse em conjunto. No entanto, o deputado socialista João Paulo Correia requereu que o Chega abdicasse do acesso a mensagens trocadas por WhatsApp e Messenger, bem como de informações recolhidas no exercício do seu trabalho pela jornalista da TVI Sandra Felgueiras – que revelou, numa série de reportagens, alegadas pressões exercidas pelo filho do Presidente da República, Nuno Rebelo de Sousa, junto do Palácio de Belém e do Governo, para que as duas crianças, residentes no Brasil e que padecem de uma doença neurodegenerativa rara (*ver texto ao lado*), tivessem acesso a consultas e tratamentos em Portugal, com custo superior a quatro milhões de euros.

Alegando que o pedido de acesso às comunicações eletrónicas viola a Constituição, João Paulo Correia defendeu que a CPI devia pedir um parecer ao auditor jurídico da Assembleia da República. E o deputado comunista Alfredo Maia alegou que o acesso a processos clínicos pode implicar "uma devassa da esfera íntima que pode ser manifestamente gratuita". Coube a Cristina Rodrigues defender que o pedido do Chega "resume as comunicações ao pedido de concessão de tratamento das gémeas", excluindo questões da vida privada.

> André Ventura disse que não querer ouvir Marcelo é "apenas um sinal de fraqueza" ou de medo que o PSD e o PS têm do Presidente da República.

Também ontem, o líder do Chega André Ventura, referiu-se ao facto de apenas o seu partido, a Iniciativa Liberal e o Bloco de Esquerda incluírem Marcelo Rebelo de Sousa nas listas de pessoas a ouvir na CPI. "Não o querer ouvir é apenas um sinal de fraqueza que PS e PSD têm, ou de medo do Presidente da República", disse o líder partidário, que acrescentou esperar que o chefe de Estado "não se refugie no regime e dê o testemunho do que é importante que se saiba" quanto ao conhecimento que teria de iniciativas do seu filho. *Com **LUSA**

P&R
O que é o "caso das gémeas"?

O que aconteceu? E como?
O caso foi conhecido em outubro de 2023. Os contornos são os seguintes: em 2019, duas gémeas luso-brasileiras receberam, em Portugal, um tratamento com um medicamento (Zolgensma), que é dos mais caros do mundo. É utilizado para o tratamento da atrofia muscular espinal e o custo estimado é de dois milhões de euros por doente. Quando as gémeas vieram a Portugal era necessária uma autorização especial para o uso do medicamento (que só foi aprovado pelo Infarmed em 2021). A autorização foi aprovada em dois dias. E, segundo a CNN Portugal (que divulgou o caso), a obtenção de nacionalidade portuguesa também foi "em tempo mais do que recorde". Foram adquiridas, também, "cadeiras de rodas topo de gama" para as meninas e marcada uma consulta de Neuropediatria.

Quem está envolvido?
O rol de nomes mencionados em todo este caso é grande. Além dos pais das duas gémeas, também Nuno Rebelo de Sousa, filho do Presidente da República, e a sua mulher são também mencionados. O próprio Marcelo Rebelo de Sousa pode ter tido um papel nesta história. Há também membros do então Governo mencionados (nomeadamente António Lacerda Sales e Marta Temido, então secretário de Estado e ministra da Saúde, respetivamente).

O caso está a ser investigado judicialmente?
Sim. O Ministério Público (MP) está a investigar os factos desde o início do mês de novembro. Há, ainda, uma auditoria interna no Hospital de Santa Maria (onde as gémeas foram tratadas). Foi também aberto um processo de execução pela Inspeção-Geral das Atividades em Saúde (IGAS) para investigar o acesso ao tratamento e à consulta. Em abril deste ano, a IGAS concluiu que o acesso à consulta foi ilegal, por não ter sido cumprida a portaria que regula o acesso dos utentes ao Serviço Nacional de Saúde. A prestação de cuidados às crianças decorreu, no entanto, "sem que tenham existido factos merecedores de qualquer tipo de censura".
RUI MIGUEL GODINHO

Ireneu Barreto (à *dir.*) recebeu Miguel Albuquerque, tendo-o indigitado como chefe de Governo.
HOMEM DE GOUVEIA / LUSA

Albuquerque indigitado pode nem vir a governar. Desfecho cabe a IL e PAN

MADEIRA Representante da República optou pelo acordo PSD+CDS. Chega já anunciou que, se o social-democrata se mantiver, votará contra o Programa do Governo Regional.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Os próximos passos já têm data marcada: 5 e 6 de junho. Primeiro, será a Assembleia Regional da Madeira a ser constituída e, no dia seguinte, toma posse o novo Governo do arquipélago. Isto depois de Miguel Albuquerque já ter sido indigitado, ontem, pelo representante da República, Ireneu Barreto.

Ainda que sem ter maioria, o acordo com o CDS-PP garantiu a Miguel Albuquerque a estabilidade necessária para convencer Ireneu Barreto. Juntos, PSD e CDS (que concorreram separados) têm 21 deputados, a três dos 24 necessários para uma maioria parlamentar. A outra alternativa a este projeto de governação seria uma aliança entre PS e JPP que contabilizaria 20 deputados.

Antes de se dirigir para a residência oficial do representante da República, o chefe do Executivo madeirense mostrou-se confiante para o que se segue. Mas a aprovação dos dois principais documentos de gestão depende de mais partidos além de centristas e sociais-democratas, necessitando de maioria. Albuquerque, ontem, foi nesse sentido, dizendo contar com "os partidos que dizem ser antissocialistas", que, espera, não se aliem ao PS para "derrubar o Governo".

No entanto, horas depois, o Chega anunciou que "se Miguel Albuquerque se mantiver à frente" do PSD, o partido vai votar contra o Programa do Governo. Ou seja: a responsabilidade está agora do lado de PAN e IL. Mas, ainda assim, pode não chegar para viabilizar o Governo (porque ambos os partidos só têm um deputado).

O líder do CDS, por sua vez, revelou ao DN, na terça-feira, que o compromisso com os sociais-democratas é apenas "um entendimento", não havendo um acordo escrito. E, segundo o próprio, "grande parte das propostas eleitorais do CDS" vão estar plasmadas no Programa do Governo Regional e no Orçamento de Miguel Albuquerque, o que lhe garantirá a aprovação.

> Depois da indigitação, segue-se a tomada de posse do Governo Regional, dia 6 de junho. Na véspera, será a vez do Parlamento Regional ser empossado.

Depois de ter falhado na obtenção de um acordo estável com o JPP, o líder do PS-Madeira já olha para a bancada da oposição no Parlamento Regional.

Ontem, Paulo Cafôfo anunciou que vai suspender o seu mandato na Assembleia da República "já nos próximos dias" e que vai assumir o lugar na Madeira. Ao mesmo tempo, será também o próprio a assumir a liderança do "grupo parlamentar do PS-Madeira". Reiterando que "sempre disse" que o arquipélago é a causa da sua vida, disse considerar "útil" e "imprescindível" estar no Parlamento Regional, "neste momento político tão difícil". E é, por isso, altura de "assumir uma posição de força, de compromisso, e de estar na linha da frente do combate político". "A minha experiência e a minha vontade de mudar a região exige que esteja aqui", rematou.

Apesar de ter falhado a indigitação – e, com isso, o objetivo de afastar o PSD, que governa desde 1976 –, Cafôfo definiu-se à Lusa como "uma pessoa de convicções" e, por isso, considera ainda ser possível virar a página na região.

Opinião
Pedro Marques

O alívio dos juros, finalmente

A semana arrancou com uma boa notícia para os portugueses. O economista-chefe do Banco Central Europeu, Philip Lane, considerou publicamente que estão reunidas as condições para aliviar as taxas de juro, a começar já na próxima semana. É um ponto de inflexão na trajetória iniciada em julho de 2022 – ou seja, há praticamente dois anos – que levou as pessoas, em particular quem tem crédito à habitação, a sofrer muito, depois de vários aumentos nas prestações dos seus empréstimos.

Foi um ajustamento muito duro, com o BCE frequentemente a demonstrar-se insensível perante as dificuldades enfrentadas pelas famílias. O seu mandato primário é o combate à inflação, verdade; mas o cumprimento desse desígnio não pode ser alcançado sem considerar as implicações da política monetária na vida real das pessoas. Várias vezes, nesta coluna, em Frankfurt e no Parlamento Europeu, perante Christine Lagarde e a sua Comissão Executiva, partilhei a minha preocupação com a postura excessivamente ortodoxa do Banco Central Europeu.

Ainda poderá surpreender alguns, mas as considerações do parágrafo anterior não são partilhadas por todos os partidos em Portugal. É que, apesar do combate à inflação ser uma prioridade relativamente comum nos diferentes campos políticos, este tema foi elucidativo sobre aquilo que separa, em particular, os dois lados do centro moderado. Em reação às subidas frequentes das taxas de juro, a direita portuguesa acompanhou a tese dos "falcões", para quem a política monetária se resume essencialmente a cálculos de Excel para atingir o valor de referência da inflação (2%).

Joaquim Miranda Sarmento, então líder parlamentar do PSD e atual ministro das Finanças, apoiou as subidas das taxas de juro desde cedo. O Partido Popular Europeu – família europeia de PSD e CDS – seguiu a mesma linha. A direita juntou-se em críticas a António Costa quando o então primeiro-ministro notou as condições para uma redução dos juros. E, entre todos os eurodeputados portugueses, só os representantes da AD no Parlamento Europeu não apoiaram um pedido ao Banco Central Europeu para que baixasse as taxas de juro em fevereiro deste ano.

A decisão do BCE peca por tardia. Até porque, como é sabido, o impacto da descida das taxas de juro só chega à economia real com alguns meses de desfasamento. Logo, manter os juros elevados transporta consigo o risco de uma sobrecorreção – atirando a UE para uma recessão desnecessária, com forte impacto social.

Como nos tempos da *troika*, a direita portuguesa foi "mais papista que o Papa". Tão ortodoxa na política monetária que acabou a fazer parceria com a própria Christine Lagarde em matéria de sensibilidade social.

Com as Eleições Europeias à porta, importa relembrar os eleitores que o Parlamento Europeu é a única instituição com a competência formal de escrutinar o trabalho do BCE. Aqueles que, em seu nome, farão esse escrutínio, definem-se nas urnas no próximo 9 de junho. Não fique em casa.

Eurodeputado

3 VALORES

Benjamin Netanyahu

Logo após o Tribunal Internacional de Justiça ordenar a suspensão imediata da ofensiva em Rafah (que nem fez Netanyahu pestanejar), o Exército israelita atacou dois acampamentos de refugiados, matando largas dezenas de civis. A História registará o nome do primeiro-ministro israelita pelos piores motivos.

BREVES

Chega força adiamento de votação do IRS

O presidente do Chega explicou ter forçado o adiamento da votação do texto de substituição de PSD e CDS-PP sobre a redução do IRS para evitar "mais uma derrota" do Governo no Parlamento. "O Chega voltou a pedir este adiamento para evitar que o Governo tenha mais uma derrota na Assembleia da República e para possibilitar que cheguemos a um entendimento numa matéria que é tão importante para as pessoas, que são os impostos", afirmou antes de uma arruada em Beja. Questionado se quis ajudar o Governo, Ventura afirmou que o Chega tem apelado a que os partidos possam "chegar a um texto de consenso dobre o IRS, e o Governo ignora". "Tem havido aproximações, todos os partidos estão a fazer propostas" e defendeu que "o Governo não pode querer simplesmente votar a deles e ignorar as dos outros" se estas são melhores.

Moedas e MAI querem mais polícia na rua

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa disse que a ministra da Administração Interna está "em sintonia" com o seu diagnóstico quanto à necessidade de mais policiamento e adiantou que vão trabalhar num plano de segurança conjunto. Carlos Moedas falava após uma reunião com Margarida Blasco, ministra da Administração Interna, onde terá chamado a atenção da governante para aquilo que é necessário em termos de segurança para a cidade. "A senhora ministra garantiu-me que vamos trabalhar em conjunto num plano de segurança para a cidade, com o Governo, mas também com a autarquia." O autarca disse ter recordado a Margarida Blasco que se vive um "momento difícil, com a perceção de que há menos segurança na cidade" e que é necessário mais policiamento.

Opinião
Joaquim Formeiro Monteiro

O Serviço Militar em Portugal
(uma questão sempre adiada)

Na vigência do XIII Governo Constitucional, em 1997, procedeu-se à quarta Revisão Constitucional que desconstitucionalizou o Serviço Militar Obrigatório, abrindo uma janela de oportunidade para a aprovação de uma nova lei de Serviço Militar, a Lei n.º 174/99 de 9 de Setembro de 1999, que fixou a prestação do Serviço Militar, em tempo de paz e de forma exclusiva, num regime de voluntariado e de contrato (RV/RC).

O modelo adoptado passou a assentar, assim, num sistema semi-profissionalizado, caracterizado, no essencial, pela introdução de novas formas de prestação de Serviço Militar, determinando o abandono do recrutamento geral, em favor de um recrutamento de tipo individual.

Contudo, o novo modelo nunca conseguiu demonstrar a sua eficácia em garantir o número suficiente de efectivos para o normal funcionamento das Forças Armadas (FA), realidade fortemente acentuada nos últimos anos, pese embora a maquilhagem dos números que o Ministério da Defesa nacional tem pretendido passar para a opinião pública.

Senão, tenhamos em conta que as FA tinham ao serviço, no final do ano de 2023, 21 080 militares, cerca de 32% abaixo dos números autorizados por lei, com a particular e grave situação do Exército, com efectivos na ordem dos 50%, com especial destaque para a categoria de Praças, com valores da ordem das 3000 unidades.

São números que se situavam, inclusive, bem abaixo daqueles que tinham sido estabelecidos em 2014 na denominada Reforma 2020 para a Defesa, que, sem qualquer racional conhecido, apontava para um intervalo entre os 30 000 e os 32 000 efectivos, não logrando, assim tão pouco, atingir nem metade dos elementos da GNR e da PSP, no seu conjunto, da ordem das 53 500 unidades...

Enquanto isso, foram sendo anunciadas, com pompa e circunstância, salvíficas medidas com vista à resolução dos problemas de recrutamento, destacando-se programas de incentivos para a atracção e retenção de voluntários que não funcionaram, face à exiguidade do que era oferecido, bem como ao incompleto cumprimento do quadro de incentivos aprovado.

Com o mesmo propósito, publicitava-se a criação de um quadro permanente de Praças, medida que, face à pressentida magreza salarial e aos escassos apoios sociais conhecidos, a par de uma progressão de carreira sem condições de motivação suficiente, estará, certamente e à partida, condenada ao fracasso.

E, mais recentemente, quase em desespero de causa, assistiu-se à determinação, por parte do ex-MDN, de um conjunto de alterações aos critérios de selecção para o ingresso no Serviço Militar, com tabelas gerais de aptidão pautadas por uma menor exigência física, médica e sensorial, acentuando, ainda mais, a fragilidade do recrutamento.

Deste modo, passou a admitir-se que candidatos, com menor capacidade e passíveis de menor resiliência, pudessem ser incorporados com uma diminuída aptidão para o serviço, nomeadamente para as acções relativas ao combate, quando exigidas, e para as quais as FA deveriam estar particularmente preparadas.

> "(...) Sucessivos Governos da República, de forma autista e tendencialmente irresponsável, têm vindo a recusar o agendamento político sobre a questão do Serviço Militar."

Entretanto, nos últimos anos vêm-se verificando significativas modificações no panorama geopolítico mundial, tornando-se, por essa razão, indispensável estabelecer mecanismos capazes de garantir a mobilização dos meios e dos efectivos suficientes, de forma a permitir que, no quadro europeu, se possa assegurar uma resposta adequada aos novos desafios em presença.

Conscientes desta nova realidade, um número crescente de países, na Europa, veio retomar os modelos de conscrição de Serviço Militar que, entretanto, tinham abandonado no final do século passado, reconhecendo que os modelos profissionalizantes adoptados não reuniam, mais, as condições necessárias para fazer face à matriz de ameaças decorrentes das mudanças verificadas no quadro da segurança internacional.

Contudo em Portugal, as FA, que no final da década de 90 detinham um conjunto de capacidades adequadas às suas missões constitucionais, e que permaneciam ligadas à Nação através de um dispositivo e de um conceito de recrutamento adaptados aos recursos e às necessidades do País, vieram a confrontar-se com a desarticulação do modelo existente, que se traduziu no esvaziamento e no abandono de Unidades, Estabelecimentos e Orgãos, e na degradação do seu produto operacional e da respectiva sustentação logística.

Torna-se, então, legítimo questionar se a actual política de prestação de Serviço Militar, com semelhantes limitações e vulnerabilidades, poderá vir, alguma vez, a gerar as condições indispensáveis às FA para assegurar as missões constitucionais que lhes estão designadas, bem como permitir ao País cumprir a sua quota-parte de responsabilidades, no conjunto das forças reunidas, no âmbito das alianças de que faz parte.

Perante a relevância das questões levantadas e a premência de se identificarem as respostas mais adequadas para as mesmas, não poderá deixar de se assinalar, no entanto, o estranho e sistemático alheamento de sucessivos Governos sobre a política a seguir, neste âmbito.

Na verdade, sucessivos Governos da República, de forma autista e tendencialmente irresponsável, têm vindo a recusar o agendamento político sobre a questão do Serviço Militar, não propiciando a reflexão e o debate público sobre uma questão que, sendo estruturante para a Defesa Nacional, é reconhecidamente relevante para o reforço agregador da identidade nacional.

No mesmo sentido, de difícil entendimento, também, a posição reiteradamente assumida por entidades com as mais elevadas responsabilidades políticas, no âmbito da Defesa Nacional e das FA, ao afirmarem que um modelo de Serviço Militar de conscrição não caberia, de forma alguma, no quadro das opções a considerar sobre o modelo de Serviço Militar a perseguir?

Toda esta convicção, no entanto, sem nunca terem dado a conhecer quais os estudos e trabalhos que a tivessem fundamentado e, sobretudo, sem nunca ter havido a oportunidade de conhecer a opinião dos portugueses sobre esta matéria.

Mais avisado seria reconhecer que somente através de uma reflexão política séria e descomprometida sobre a questão do Serviço Militar, a par de uma ampla e esclarecida participação da sociedade sobre a mesma, que o poder político, aliás, nunca teve a coragem de promover, se poderão criar as condições indispensáveis para a adopção de uma política pública de Serviço Militar ajustada às condições do País e à garantia da sua soberania e independência.

Tenente-General.
Escreve sem aplicação do novo Acordo Ortográfico

SABER VIVER COM ESCLEROSE MÚLTIPLA

A "DOENÇA DESCONHECIDA", COM "MIL CARAS" E ONDE "CADA PACIENTE TEM AS SUAS PRÓPRIAS LIMITAÇÕES". À BOLEIA DO DIA MUNDIAL DA ESCLEROSE MÚLTIPLA, A 30 DE MAIO, A TSF JUNTOU NA MESMA MESA QUEM CONVIVE DIARIAMENTE COM A DOENÇA.

É uma doença do sistema nervoso central, que não tem uma localização específica e que, fruto disso, as próprias lesões causam efeitos muito diferentes nos pacientes. É desta forma que Alexandre Silva, presidente da Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla (SPEM) apresenta a doença da qual sofre - e para a qual trabalha, todos os dias, para dar a conhecer ao público. "É uma doença com mil caras", conta Alexandre, que durante muitos anos teve um diagnóstico de hérnia discal para justificar tudo aquilo que sentia, até ao dia em que fez uma ressonância magnética e lhe foi diagnosticada esclerose múltipla. O mesmo aconteceu a Cristina Saarinen, também ela diagnosticada com a mesma doença. Com o primeiro sintoma a ser "uma dupla visão", foi a ressonância magnética que lhe deu o diagnóstico final "numa altura em que, felizmente, os primeiros fármacos começaram a aparecer no mercado".

GERIR O DESCONHECIDO

O neurologista Carlos Capela, do Hospital de Santo António dos Capuchos, destaca a especificidade de esta doença "ter uma parte inflamatória e uma parte degenerativa - é 'e' e não 'ou'", o que também torna o seu diagnóstico difícil e "muito dependente da localização das lesões, da idade e do sexo do paciente". Mais uma vez, a importância da ressonância magnética que o neurologista explica "vai mostrar as lesões antigas, se há lesões inflamadas e também a localização das mesmas".

A nível de medicação, Carlos Capela desta a "grande evolução" ocorrida nas últimas duas décadas, com medicamentos "que começaram fracos, ficaram mais eficazes e hoje em dia são mesmo muito eficazes e com isso é possível quase impedir a inflamação e o aparecimento de novas lesões". Por outro lado, Alexandre Silva critica a falta de equidade no acesso a esses mesmos tratamentos: "temos de dar oportunidade a todas as pessoas com esclerose múltipla de acederem aos melhores tratamentos; há pacientes em Portugal hoje em dia com tratamentos do século XXI e outros com tratamentos do século XX".

> "Temos de dar oportunidade a todas as pessoas com esclerose múltipla de acederem aos melhores tratamentos; há pacientes em Portugal hoje em dia com tratamentos do século XXI e outros com tratamentos do século XX."

O QUE PODE SER FEITO

Sobre o que pode ser feito num futuro breve, o presidente da SPEM não tem dúvidas em colocar o SNS como "um porto seguro", mas ainda assim referindo que "há no SNS portos mais seguros do que outros - e se calhar era importante haver menos portos, mas todos de mais qualidade". Cristina Saarinen destaca também a importância de outro tipo de apoio e de ver o impacto da doença na sua totalidade "a nível familiar, a nível pessoal, a nível profissional, que requer uma gestão muito boa do próprio doente e que precisa muitas vezes de ajuda". "Dar confiança às pessoas para viverem com a doença": é este o mote de Alexandre Silva para a vida.

Medidas do Governo "deixam dúvidas" e "receios". "Com que médicos vão fazer isto?"

SNS Um *Plano de Emergência e de Transformação para a Saúde* com cinco eixos principais, mais de 50 medidas, que envolvem linhas de financiamento, reforço de serviços já existentes e criação de novos, requalificação de instalações e uma Comissão Independente para acompanhar a execução. Para quem está no terreno, tudo isto é "positivo" ou "negativo" e "uma mão-cheia de nada".

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

O primeiro-ministro Luís Montenegro começou ontem a apresentação da nova estratégia para mudar o Serviço Nacional de Saúde (SNS) com um ponto da situação: "O ponto de partida é muito problemático." Para logo de seguida a ministra dar o contexto desta afirmação com números, que vão desde 1,7 milhões de utentes sem médicos de família, mais de 266 mil à espera de uma cirurgia, mais de 74 mil já fora do tempo adequado, sendo que destes nove mil são doentes oncológicos, e quase 900 mil à espera de uma primeira consulta.

Os números levaram Luís Montenegro a dizer que "o SNS precisa de outra gestão", porque a prioridade das prioridades são "os cidadãos". E enquanto uns o usam "como bandeira política, para nós [Governo], é um instrumento para dar resposta aos cidadãos". A ministra Ana Paula Martins foi mais longe, referindo que a prioridade das prioridades são "as pessoas" e os "profissionais", porque sem estes "não há cuidados, não há SNS nem plano de transformação da Saúde".

Um *Plano de Emergência e de Transformação para a Saúde* (PETS) que assenta em "cinco eixos estratégicos", 16 programas e 54 medidas, cujos resultados têm de ser obtidos em três meses, até ao final de 2024 ou até daqui a dois anos, 2026. O objetivo é que a resposta assente na capacidade do setor público.

"É esgotar a capacidade do SNS", sublinhou o primeiro-ministro, na resposta aos seus problemas, mas com os setores privado e social a funcionarem em complementaridade. As medidas visam a recuperação das listas de espera, uma nova organização de atendimento para os Serviços de Obstetrícia, com um novo modelo de referenciação para grávidas e reforço da Linha SNS24, novo funcionamento dos Serviços de Urgência e dos cuidados primários e reforço dos cuidados na área da Saúde Mental, sendo uma das primeiras medidas nesta área a contratação de mais 100 psicólogos para se conseguir dar resposta às necessidades de consulta da população, já que, e como contextualizou Ana Paula Martins, a média de pessoas com depressão em Portugal é de 12,2%, quando a média europeia é de 7,2%. Para este PETS avançar vão ter de ser aprovados vários diplomas e a ministra anunciou também que a sua execução vai ser acompanhada por uma comissão independente que será nomeada em breve.

Mas para quem está no terreno, e sobretudo na área médica, a primeira questão que surge é: "Com que médicos vão fazer isto tudo?"

Do lado dos sindicatos, as críticas não se fizeram esperar, das associações que representam as especialidades previstas neste plano também não, mas há quem nele veja pontos "positivos". O bastonário dos médicos, Carlos Cortes, por exemplo, elogiou o plano considerando que o Governo definiu o "SNS como prioridade". O secretário-geral do Sindicato Independente dos Médicos enumerou pontos positivos e negativos e a Federação Nacional dos Médicos (Fnam) assumiu que esta nova estratégia "é uma mão-cheia de nada", que incentiva apenas "ao trabalho extraordinário e precário".

O presidente da Associação Portuguesa de Medicina Geral e Familiar diz que ainda "temos muitas dúvidas e receios".

Do lado político, o PS e o PCP foram os primeiros a mostrar "profunda desilusão", como referiu Pedro Nuno Santos, ou, no caso dos comunistas, a acusar o Governo de "querer degradar ainda mais o SNS".

Fnam crítica, SIM cético, mas com pontos positivos

Ao DN, a presidente da Fnam, Joana Bordalo e Sá, assumiu que, a partir daqui, a estrutura sindical que dirige vai exigir, na mesa de negociação, que sejam contempladas as propostas que apresentou no sentido da valorização das grelhas salariais e das condições de trabalho, porque, sublinha, "há dinheiro e linhas de financiamento para mais trabalho, mais incentivos e mais precariedade no trabalho, mas não há para melhorar a valorização do base dos médicos. E é este ciclo que tem de se inverter".

266 624

Utentes em espera para uma cirurgia. Destes, 74 463 são doentes que já ultrapassaram os Tempos Máximos de Resposta Garantido (TMRG), dos quais 65 089 esperam por uma intervenção na área da ortopedia, cirurgia geral, otorrino e urologia. Do total dos que já ultrapassaram os TMRG, 9374 são doentes oncológicos que aguardam cirurgia nas especialidades de dermatologia, urologia e cirurgia geral. A Região de Lisboa e Vale do Tejo é a mais atingida.

Para a médica as medidas apresentadas "são temporárias e têm por base acudir a um SNS que está em rutura, mas baseiam-se, acima de tudo, em incentivos aos profissionais, que são incertos e baratos, agravando ainda mais as condições de trabalho e as desigualdades nas equipas". A dirigente sindical chama a atenção para o facto de o Governo estar a querer estimular até o "trabalho precário", com a possibilidade de os médicos do quadro de uma instituição poderem passar recibos verdes". Deste ponto de vista, "com que médicos é que vão fazer este plano?"

A mesma questão é colocada pelo secretário-geral do SIM, Nuno Rodrigues, assumindo, no entanto, que nada tem a opor se tal for feito de forma voluntária. "Se as medidas forem voluntárias, nada temos a opor que um médico queira aumentar as suas consultas ou cirurgias ou a sua carteira de doentes voluntariamente. Até estamos a favor, porque isso vai permitir mais acesso dos utentes a cuidados". Mas, sublinha também, "isto não pode ser feito sem haver uma valorização do ponto de vista da grelha salarial e da avaliação do desempenho, como temos vindo a reivindicar".

No meio das mais de 50 medidas, Nuno Rodrigues admite estar cético em relação a alguns pontos, mas enumera, pelo menos, dois que considera positivos: um deles a criação dos centros de avaliação médica psicológica, que, diz, "vêm retirar imensa carga burocrática aos médicos de família, deixando-lhes mais tempo para fazer mais medicina".

Ou seja, ao passar estas tarefas para estes centros que vão estar a funcionar nos setores social e privado "o utente deixa de ir ao médico de família para pedir um atestado médico para uma carta de condução, para uma carta de caçador, para uma junta médica, etc.". O outro ponto positivo "são as convenções na área da obstetrícia com o setor social e privado para atender as grávidas".

O ponto negativo tem a ver com a criação dos centros de atendimento clínico, os quais, segundo o Governo, servirão para dar resposta aos utentes sem médico de família, permitindo-lhes uma consulta, mas o secretário-geral do SIM considera que "é só mais estrutura e não sabemos com que médicos vai funcionar", criticando também o financiamento para reforço das teleconsultas: "Nem tudo se resolve desta maneira."

Médicos de família com muitas "dúvidas"

Um dos eixos estratégicos deste PETS são os cuidados primários e

Coube ao primeiro-ministro Luís Montenegro apresentar o *Plano de Emergência e de Transformação para a Saúde.*

FILIPE AMORIM / LUSA

a medicina de proximidade, tendo a própria ministra assumindo que uma das medidas mais difíceis será a de dar um médico de família a cada utente. No entanto, sublinhou que tudo será feito para dar resposta a estes utentes.

"Não damos médico, mas damos consultas", afirmou até o primeiro-ministro. Mas a primeira pergunta do presidente da Associação Portuguesa de Medicina Geral e Familiar (APGF), Nuno Jacinto, é também: "Com que médicos vão fazer este plano?"

"A perspetiva que nos foi dada é que a aposta vai no sentido de esgotar ao máximo a capacidade do SNS, mas o grande problema é que na maioria das unidades do SNS essa capacidade já está esgotada. Portanto, aqui, só há um caminho: aumentar o número de médicos e de profissionais no SNS através de condições de trabalho e salariais mais atrativas".

O médico critica mesmo o facto de se falar na priorização do "atendimento aos utentes sem médicos e dos grupos vulneráveis". "Vamos ser sinceros, se essa capacidade existisse esses doentes já estavam a ser vistos e acompanhados. Portanto, fala-se de que capacidade? Isto é colocar os médicos a fazer mais".

No que toca à criação dos centros de atendimento clínico, Nuno Jacinto sublinhou que a questão é a mesma: "A capacidade do SNS".

"Com que profissionais vamos fazer isto? Não só médico, mas também enfermeiros e secretários clínicos. Vamos buscar mais profissionais a outros setores ou vamos retirar carga horária a quem lá está, diminuindo as suas funções na atividade programada?"

Para o presidente da APMGF "este plano deixa-nos algumas dúvidas e receios. É certo que a ministra referiu querer valorizar os profissionais, tê-los satisfeitos e a trabalhar com qualidade, pode ser que ainda se venha a esclarecer mais alguma coisa nesse sentido". Mas há um ponto positivo u refere, que vai para o lançamento de um concurso com mais 900 vagas para a especialidade.

Um *Plano de Emergência e Transformação da Saúde* era uma promessa eleitoral para cumprir em 60 dias, o Governo antecipou-a pelo menos em quatro dias e o primeiro-ministro assume que com ele não pretende "vender a ilusão de que as dificuldades se vão resolver rapidamente", o que se pretende "é começar a dar respostas". Agora, seguem-se as negociações com os sindicatos.

1,7

Milhões sem médicos de família, sendo as regiões de Lisboa e Vale do Tejo, Algarve e Leiria as mais carenciadas.

891 022

Utentes à espera de uma primeira consulta. Destes, 454 528 já ultrapassaram o Tempo Máximo de Resposta Garantido (TMRG).

10 865

Dos que esperam por uma consulta são doentes muito prioritários das áreas da Oftalmologia, Ortopedia, Dermatologia. As regiões com mais tempo de espera para uma consulta são o Alentejo, com 260 dias, e Lisboa e Vale do Tejo (143).

6 226 714

casos atendidos nos Serviços de Urgências. Destes, mais de 2,3 milhões foram triados com pulseiras azul e verde(37% do total). Do total dos casos, 40% eram da área da ginecologia, não-urgente.

85 994

Nascimentos em Portugal em 2023, dos quais 66 106 foram realizados no SNS (77%).

2164

situações sociais dos internamentos hospitalares.

22,9%

de prevalência anual de perturbações psiquiátricas na população portuguesa. Nos Cuidados de Saúde Primários a prevalência varia entre os 29% e os 59%.

12,2%

da população com depressão crónica em Portugal *versus* 7,2% da média da UE.

DO REFORÇO DE LINHAS À CRIAÇÃO DE NOVOS CENTROS DE ATENDIMENTO

Na sessão de apresentação do *Plano de Emergência e Transformação da Saúde*, a ministra Ana Paula Martins anunciou que para a sua realização foram consultadas 167 entidades. E no final foram definidos cinco eixos estratégicos e pensadas mais de 54 medidas consideradas urgentes (com resultados a 3 meses), prioritárias (com resultados até final de 2024) e estruturantes (com resultados nos próximos 2 anos). A apoiar estas medidas foram criados 16 programas transversais. E objetivos a atingir: regularizar e orquestrar o acesso aos cuidados, de forma a proporcionar melhores condições para o acompanhamento e tratamento do doente, no tempo clinicamente recomendado; criar um ambiente seguro para o nascimento e oferecer suporte consistente às mulheres durante a gravidez; reforçar a missão do Serviço de Urgência enquanto local para a observação e estabilização das situações clínicas realmente urgentes e emergentes ; solucionar os problemas de acesso aos cuidados de saúde primários, com foco nas populações sem médicos ou enfermeiros de família; assegurar o acesso a serviços habilitados a promover a sua saúde mental, prestar cuidados de qualidade e facilitar a reintegração e a recuperação das pessoas com doença mental. A grande questão é como que estas medidas vão ser implementadas.

1 – Resposta a tempo e horas e acabar com as listas de espera. A prioridade vai para os doentes oncológicos com a criação de um programa *OncoStop2024* e com a aproximação do SNS ao cidadão através de um reforço da Linha SNS24.

2 – *Bebés e Mães em Segurança.* A prioridade é o reencaminhamento seguro de todas as grávidas para lhes dar "a tranquilidade necessária". Para isto, vai ser criado um canal de atendimento direto para a grávida, através da linha SNS 24 (SNS GRÁVIDA). Vão ser atribuídos incentivos financeiros para aumentar a capacidade de realização de partos e reforçar as convenções com o setor social e privado.

3 - Cuidados urgentes e emergentes. A prioridade são as verdadeiras urgências e para isto o Governo aposta na requalificação das infraestruturas dos Serviços de Urgência, quer gerais quer na área da Psiquiatria. E também na criação de Centros de Atendimento Clínico para situações agudas de menor complexidade e urgência clínica e implementação da consulta do dia seguinte nos Cuidados de Saúde Primários para situações agudas de menor complexidade e urgência (o que já se faz).

4 – Saúde próxima familiar. A prioridade é dar um médico a quem precisa, sabendo-se que existem 1,7 milhões de utentes sem médico de família. O objetivo é responder aos utentes em espera com a capacidade atual do setor público, mas ajudada com parcerias com o setor social e a criação de uma linha de atendimento para utentes que necessitem de acesso a médico no dia.

5 – Saúde Mental. A prioridade é melhorar o acesso aos cuidados nesta área através da criação de um programa estruturado de Saúde Mental para as forças de segurança (PSP e GNR). E a aposta na desinstitucionalização de situações crónicas em saúde mental (o que já está previsto na atual lei de saúde mental).

Há pelo menos 30 inspeções e auditorias a decorrer na Defesa

MINISTÉRIO A auditoria instaurada por Nuno Melo ao licenciamento de empresas de bens e tecnologias militares tem por alvo os mandatos dos três antecessores do Governo socialista

TEXTO **VALENTINA MARCELINO**

A Inspeção-Geral da Defesa Nacional (IGDN) tem em mãos, pelo menos 30 ações inspetivas a atividades do Ministério da Defesa Nacional (MDN). A auditoria para "apurar todas as responsabilidades relativamente a todos os licenciamentos para as atividades de comércio e indústria de bens e tecnologias militares concedidos no MDN desde o ano 2015", anunciada no passado sábado pelo ministro Nuno Melo, soma-se às 29 que tinham sido reveladas, em outubro do ano passado, pela sua antecessora Helena Carreiras.

Conforme o DN noticiou na altura, as inspeções foram apresentadas como uma das respostas à *Operação Tempestade Perfeita*, no âmbito da qual foram acusados 73 arguidos (36 empresários e familiares, bem como 30 empresas) por suspeitas de crimes de corrupção ativa e passiva, peculato e branqueamento de capitais, entre outros. Entre os acusados, recorde-se, estão sete funcionários do MDN, dos quais três altos-quadros: Alberto Coelho, o ex-diretor-geral da Direção-Geral de Recursos da Defesa Nacional (DGRDN), Paulo Branco, ex-diretor dos Serviços de Gestão Financeira; e Francisco Marques, ex-diretor dos Serviços de Infraestruturas e Património.

Os casos suspeitos que fundamentaram a investigação decorreram entre 2019 e 2021, durante o mandato de João Gomes Cravinho.

O seu ex-secretário de Estado, Marco Capitão Ferreira, também ficou sob suspeita, tendo sido alvo de buscas, e está a ser investigado num inquérito à parte que ainda decorre.

De acordo com o gabinete de Helena Carreiras, as ações inspetivas incidiam sobre "empreitadas de obras públicas, contratação pública, fluxos financeiros e sistemas de controlo interno, execução da Lei de Infraestruturas Militares e da Lei de Programação Militar". Na mesma altura, anunciou também que estavam "programadas outras duas ações com início ainda em 2023" e acreditava que entre "final deste ano e o primeiro semestre de 2024 estas inspeções" estariam concluídas".

Entre as ações em curso, são destacadas as auditorias "aos contratos de aquisição de serviços de assessoria técnica celebrados pela Direção-Geral de Recursos da Defesa Nacional (DGRDN) entre 2018 e 2021" (este desencadeado com um contrato com Marco Capitão Ferreira)"; à "Avaliação do Processo de Inventariação do Património Imobiliário afeto à Defesa Nacional"; aos "contratos de empreitadas de obras públicas (EMGFA, Marinha, Exército, Força Aérea, DGRDN)"; à "área da contratação pública"; ao "processo de atribuição de subvenções públicas"; bem como uma "inspeção ao armazenamento e segurança do armamento, equipamento militar, munições e materiais explosivos".

Questionado sobre as conclusões destas inspeções, o gabinete de Nuno Melo não soube responder, remetendo para os próximos dias um esclarecimento.

Empresa suspeita ainda em atividade?

Em relação à auditoria que instaurou sobre os licenciamentos às empresas que negoceiam com o setor militar, da responsabilidade da DGRDN, dirigida por Vasco Hilário, que Cravinho escolheu para substituir Alberto Coelho, fonte oficial também não respondeu às dúvidas colocadas pelo DN. Uma delas era se tinha sido suspensa a atividade da empresa, cujo licenciamento estava sob suspeita. Além da empresa referida no comunicado do MDN, cujo sócio foi condenado por corrupção (facto que a impedia de ter esta certificação), haverá ainda outros casos irregulares.

> Apesar de as rigorosas regras de licenciamento estarem em vigor desde 2009, Nuno Melo centra a sua auditoria a partir de 2015, nos mandatos de Azeredo Lopes, Cravinho e Carreiras.

Apesar de as rigorosas regras de licenciamento estarem em vigor desde 2009, Nuno Melo centra a sua auditoria a partir de 2015, ano em que, de acordo ainda com o mesmo comunicado, "não têm vindo a ser cumpridas as exigências previstas". Este período atravessa todo o Governo de António Costa, com a tutela da Defesa nas mãos, primeiro de Azeredo Lopes, depois João Gomes Cravinho, seguido de Helena Carreiras.

A lei prevê que as licenças possam ser revogadas logo que "deixe de verificar-se algum dos pressupostos de que dependesse a sua emissão", sendo a "idoneidade do requerente" um deles. No caso indicado pelo MDN no comunicado, depois de noticiado pelo *Correio da Manhã* (CM), a condenação pelo crime em causa alterava esse pressuposto.

Apesar de o Ministério concluir, antes da auditoria, que os "graus de controlo falharam" e que "a dúvida acerca do correto cumprimento das regras estabelecidas nas leis da República, por quem tem a obrigação de as assegurar nessas dimensões administrativas, potencia por desconfiança a paralisação das decisões políticas, com grave prejuízo para o normal funcionamento da tutela", não foram divulgadas medidas preventivas.

De acordo com a informação disponibilizada na página oficial do MDN, até ao passado dia 31 de março, havia 200 empresas licenciadas para esta atividade. De acordo com o CM, a licença sob suspeita terá sido emitida pelo anterior secretário de estado da Defesa, Carlos Pires (que era diretor-geral do Serviço de Informações Estratégicas de Defesa), no dia 21 de março deste ano, 10 dias após a realização das eleições legislativas.

valentina.marcelino@dn.pt

NUNO BRITES / GLOBAL IMAGENS

O ministro da Defesa Nacional, Nuno Melo, no exercício do Exército *Orion24*, no âmbito da NATO.

BREVES

Bombeiros podem recusar escalas da ANEPC

Os comandantes dos bombeiros voluntários avisaram ontem que estão a ponderar não integrar as escalas de ligação com a Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil (ANEPC), caso o Governo não se demarque da posição do seu presidente. Em causa estão declarações recentes do presidente da ANEPC, Duarte da Costa, na entrevista DN/TSF no sábado, 25, em que recusa a possibilidade de um Comando Nacional para os bombeiros, uma reivindicação antiga da Liga dos Bombeiros Portugueses (LBP) e que é contemplada no programa eleitoral da AD. Numa reunião do Conselho Nacional Operacional de Bombeiros na 3.ª feira, os comandantes admitiram "repensar a sua disponibilidade para as escalas do Dispositivo Especial de Combate a Incêndios Rurais (DECIR) e para o exercício de funções de ligação nas estruturas da ANEPC", afirmou à Lusa, o presidente da LBP, António Nunes.

Temperaturas vão atingir os 38 graus

A Direção-Geral da Saúde recomenda a adoção de medidas de proteção adicionais contra o calor na sequência da previsão pelo IPMA da subida das temperaturas a partir desta quinta-feira, com máximas que podem chegar aos 38 graus. O Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) prevê para os próximos dias uma subida da temperatura máxima, que pode levar a um aumento do perigo de incêndio rural e que já motivou a emissão de avisos de tempo quente para quatro distritos: Évora, Beja, Santarém e Portalegre. Em comunicado, o IPMA justifica a subida da temperatura com o "estabelecimento de uma crista anticiclónica sobre o golfo da Biscaia e um vale depressionário que se estende desde Marrocos em direção à Península Ibérica que dará origem a uma circulação atmosférica favorável a uma situação de tempo quente e seco em Portugal continental".

Opinião
Rute Agulhas

O *RASI* é muito vago sobre os crimes de natureza sexual

A incidência dos crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual tem vindo a aumentar no nosso país, fruto também de maior sensibilização face ao tema e apelo à denúncia, numa lógica de tolerância zero face a esta forma de violência. No entanto, sabemos muito pouco sobre os contornos mais específicos das situações que são sinalizadas e o *Relatório Anual de Segurança Interna* (*RASI*) é, ano após ano, o espelho deste mesmo desconhecimento.

Olhando agora para o *RASI* de 2023 – que em muito pouco difere dos anteriores, no que a esta questão diz respeito – e no que concerne aos crimes de natureza sexual, começamos por ter acesso aos dados relativos aos inquéritos iniciados por tipologia de crime, com a identificação dos três tipos de crimes com maior incidência – abuso sexual de criança, violação, e pornografia de menores.

Temos depois informação demográfica (somente sexo e escalão etário), mas apenas em relação aos dois primeiros tipos de crimes (abuso sexual de criança e violação). Por fim, temos a indicação do contexto da relação em que estes dois tipos de crimes ocorrem, com a identificação de categorias muito genéricas (p. ex., "familiares" ou "conhecimento").

Ou seja, após dedicarmos alguma atenção a esta secção concreta do *RASI*, percebemos que muito fica por saber, fruto de uma análise e apresentação dos dados que poderia ser muito mais aprofundada e, dessa forma, permitir um conhecimento mais abrangente sobre esta realidade.

Eis algumas das (muitas) questões que ficam por responder:

1. Relativamente aos restantes tipos de crimes (p. ex., abuso sexual de pessoa incapaz de resistência, que teve 17 detenções, ou coação sexual de menores, com 12 detenções), o que se sabe? Quem foram as vítimas e os agressores? Em que contexto ocorreram estes outros crimes?

2. A idade das vítimas em que se observa maior incidência dos primeiros dois tipos de crimes é o escalão etário entre os 8 e os 13 anos (como, aliás, tem vindo a acontecer ao longo dos últimos anos). Após os 13 anos de idade, com a entrada na adolescência, a incidência diminui. Mas verifica-se alguma diferença em função do sexo da vítima? Alguns estudos internacionais indicam que, após os 13 anos de idade, o risco tende a diminuir acima de tudo para os rapazes – mas não para as raparigas. É também esta a realidade em Portugal?

3. Ainda relativamente às vítima de abuso sexual, percebemos que 6,3% têm uma idade compreendida entre os 0 e os 3 anos – falamos, portanto, de bebés e crianças muito pequenas. Por sua vez, 20,7% das vítimas têm 4 a 7 anos de idade. Ou seja, temos um total de 27% de situações em que a criança tem entre 0 e 7 anos. Estas situações – muito preocupantes – ocorrem em que contexto? Quem são os autores destes crimes? E de que comportamentos abusivos, em concreto, são vítimas estas crianças tão novas?

4. Sobre os arguidos percebemos que, no total, foram detidas 4 mulheres – 2 por abuso sexual de crianças, 1 por violação e 1 por importunação sexual. Quais são as características destas mulheres, atendendo a que tão pouco se sabe sobre os crimes sexuais cometidos por pessoas do sexo feminino? De quem abusaram? Em que contexto e com que *modus operandi*?

5. Vemos também na informação disponível que 11% dos arguidos têm entre 16 e 18 anos de idade – ou seja, estão ainda na fase da adolescência. Os restantes são maiores de idade. Novamente, as dúvidas: quem são as vítimas destes adolescentes e em que contexto ocorre o crime? Existem diferenças de abordagem à vítima em função da idade do agressor? E de entre todos os arguidos, qual é a percentagem daqueles que estão a reincidir no mesmo tipo de crime?

6. Por fim, e porque a lista já vai longa (não porque não subsistam mais perguntas), e sobre os contextos da relação, o que foi entendido como contexto "familiar"? São apenas familiares com laços biológicos com a vítima? Ou também madrastas e padrastos, por exemplo? E quais as percentagens em função da natureza concreta da relação de familiaridade? As mesmas dúvidas podem ser colocadas em relação à categoria "conhecimento" ou "assistência e formação" – esta última categoria, por exemplo, envolve os crimes cometidos no contexto da educação e da Igreja? Ou estes são inseridos na categoria "conhecimento"?

Neste contexto, sublinha-se a necessidade de realização de um estudo de prevalência e de reincidência no nosso país, relativamente a estes tipos de crimes. Os crimes de natureza sexual merecem, ainda, um relatório autónomo, mais detalhado, à semelhança do que acontece com a violência doméstica.

Um conhecimento mais aprofundado sobre os crimes de natureza sexual em Portugal revela-se fundamental, pois só dessa forma poderão ser definidas políticas e estratégias – preventivas e interventivas – mais ajustadas à realidade.

Psicóloga clínica e forense, terapeuta familiar e de casal

Despesa pública cancelada pelo Tribunal de Contas triplica em 2023

FISCALIZAÇÃO Entidade que supervisiona os gastos do Estado foi mais dura a travar despesa e chumbou mais valor em obras e projetos, por estarem mal desenhados ou serem ilegais.

TEXTO **LUÍS REIS RIBEIRO**

A despesa pública cancelada por intervenção do Tribunal de Contas (TdC) triplicou no ano passado, para quase 400 milhões de euros, e o valor chumbado através da recusa de vistos aumentou 60%, para mais de 80 milhões de euros, revela o relatório de atividades e contas de 2023 do auditor presidido por José Tavares.

Apesar de, em 2023, ter passado menos despesa pelos circuitos do TdC (foram controlados cerca de 6,2 mil milhões de euros em contratos públicos, menos 650 milhões de euros ou menos 9,5%) do que em 2022, os indicadores da atividade mostram que o Tribunal foi mais duro a travar os gastos planeados, enviando para trás ou tendo chumbado mais valor em projetos que iriam "gerar despesa ou responsabilidades financeiras".

Segundo o relatório, "no âmbito da fiscalização prévia, o Tribunal aprecia a legalidade financeira dos atos, contratos e outros instrumentos geradores de despesa ou representativos de responsabilidades financeiras, antes de as mesmas serem realizadas".

Por esta via, o TdC conclui que logrou controlar 6183 milhões de euros, tendo entrado 3024 processos, 2031 dos quais foram controlados, Destes, 2004 processos foram visados e 27 foram alvo de recusas de visto. Houve ainda "1323 desistências, processos devolvidos por não estarem sujeitos a fiscalização prévia e processos transitados para o ano seguinte", diz a instituição.

"Relativamente aos 3354 processos passíveis de análise no ano (nos quais se incluem 330 transitados), nem todos foram objeto de fiscalização, nomeadamente por terem sido cancelados (66) ou devolvidos pelo Tribunal por não estarem sujeitos a visto (821)", diz o coletivo.

"A intervenção do Tribunal conduziu a que, na sequência dos cancelamentos solicitados pelas entidades adjudicantes e da redução de encargos dos contratos submetidos a fiscalização prévia, não fosse realizada despesa de 389 milhões de euros associada a esses processos", o triplo do valor registado um ano antes (131,6 milhões de euros).

O TdC diz que antes de tomar uma decisão final devolveu à procedência 3197 processos que gerariam despesa. "Estes pedidos permitiram, num número significativo de casos, suprir as ilegalidades e irregularidades detetadas, conduzindo até, em algumas situações, à redução dos encargos assumidos pelas respetivas entidades".

NUNO FOX / GLOBAL IMAGENS

Entidade liderada por José Tavares devolveu à procedência 3197 processos que gerariam despesa.

Problemas detetados

"Muitas deficiências foram sanadas e várias ilegalidades foram corrigidas", mas as mais recorrentes foram coisas como "inadequação de cabimentos, compromissos, autorizações para assunção de encargos plurianuais e programações financeiras", "falta de autorização e dos correspondentes documentos de despesa pelos delegantes em situações de contratação pública pelas Comunidades Intermunicipais no âmbito de competências delegadas de Municípios".

No capítulo do endividamento, alguns dos problemas mais graves detetados foram "insuficiência de especificação das finalidades [do endividamento]; inconsistências nos montantes e aplicações previstos; falta ou deficiente correspondência dos investimentos a financiar com os investimentos aprovados no Plano Plurianual de Investimentos (PPI); investimentos com prazo de vida útil inferior ao prazo do empréstimo; deficiente cálculo dos limites de endividamento".

Mas as deficiências e os erros cometidos pelas entidades públicas continuam. O Tribunal aponta o dedo a "falta de competência para as decisões; insuficiência de habilitações; ausência de estudos custo-benefício; ausência da fundamentação legalmente exigida, designadamente para: a decisão de escolha do procedimento pré-contratual adotado, a definição do preço base, a opção de não divisão por lotes, a adoção do concreto critério de adjudicação e modelo de avaliação adotados".

O auditor detetou ainda falta "declarações de inexistência de conflitos de interesses" e deparou-se com empreitadas onde não havia "termo de responsabilidade e seguro de responsabilidade civil do diretor de obra".

Além dos contratos que mandou para trás ou em que a sua intervenção acabou por conduzir ao cancelamento do projeto ou da obra, o Tribunal chumbou 27 projetos públicos por estarem feridos de ilegalidades graves.

"O Tribunal pode recusar o visto com fundamento na desconformidade com a lei aplicável que implique nulidade, encargos sem cabimento orçamental, violação direta de normas financeiras ou ilegalidade que altere ou possa alterar o resultado financeiro", diz o novo documento.

Tribunal de Contas recusou visto a 27 projetos públicos por estarem feridos de ilegalidades graves, no valor de 80 milhões de euros.

Assim, foi recusado o visto a "27 processos (1,3%), com um volume financeiro de 80,2 milhões de euros, representando 1,3 % do montante controlado". Em 2022, o valor em processos recusados por não atribuição de visto rondou os 50 milhões de euros. Dá o tal aumento de quase 60% em despesa chumbada e ilegal, no ano passado.

O rol de ilegalidades é extenso. Apenas alguns exemplos referidos pelo TdC: "celebração de contrato sem existência de compromisso válido e sequencial", "ausência de autorização necessária para a assunção dos encargos plurianuais decorrentes da outorga do contrato, incluindo de contrato adicional", "indefinição e desatualização dos encargos financeiros advenientes da cessão da posição contratual em contrato de empréstimo", "deficiente autorização da assunção da despesa plurianual", "preterição [rejeição] de um procedimento pré-contratual válido e eficaz [a favor de um procedimento de qualidade duvidosa e ineficaz]", "falta de registo e contabilização da despesa no correspondente orçamento municipal".

luis.ribeiro@dinheirovivo.pt

Idade da reforma sobe para 66 anos e sete meses

A idade da reforma vai subir para 66 anos e sete meses em 2025, um aumento de três meses face à praticada este ano, confirmam os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) divulgados ontem.

A atualização da idade da reforma tem por base a esperança média de vida até aos 65 anos. As tábuas de mortalidade para Portugal no triénio 2021-2023, publicadas ontem pelo INE, dão nota que nesse período a esperança de vida aos 65 anos "foi estimada em 19,75 anos para o total da população". Ou seja, um acréscimo de 0,14 anos (1,7 meses) face ao período 2020-2022.

Os dados do INE vêm também confirmar o crescimento em dois pontos percentuais do fator de sustentabilidade, que está a ser aplicado durante o corrente ano a quem pediu reforma antecipada. O atual fator de sustentabilidade subiu de 13,8% (indicador de 2023) para 15,8%.

Quem requereu ou vai solicitar a pensão antecipada durante este ano sofre um corte de 15,8% na reforma, a que soma uma penalização de 0,5% por cada mês antecipado face à idade legal da reforma, que em 2024 é de 66 anos e quatro meses.

De acordo com as tábuas de mortalidade, a esperança de vida à nascença é agora de 81,17 anos para o total da população. No triénio 2021-2023, foi estimada em 78,37 anos para os homens e 83,67 anos para as mulheres, um aumento de 0,32 anos e de 0,15 anos, respetivamente, face ao triénio anterior.

No triénio em análise, os homens com 65 anos podiam esperar viver 18 anos e as mulheres 21,11 anos, o que corresponde a um aumento de 0,24 anos para os homens e 0,13 anos para as mulheres relativamente a 2020-2022. Nos últimos dez anos, a esperança de vida aos 65 anos aumentou 10,2 meses para os homens e 8,4 meses para as mulheres. **S.S.P.**

sonia.s.pereiral@dinheirovivo.pt

228 milhões foram para pagar à EDP por causa da Barragem do Fridão, diz unidade coordenada por Rui Baleiras.

Quase metade das reservas para despesas excecionais já foram gastas

ORÇAMENTO Unidade Técnica de Apoio Orçamental alerta para abrandamento do crescimento da receita fiscal no primeiro trimestre.

O anterior Governo executou, durante o primeiro trimestre deste ano, cerca de metade das verbas destinadas a despesas urgentes e inadiáveis, para pagar o acordo extrajudicial da Barragem do Fridão, e mais de 40% das dotações centralizadas. Os dados constam do *Relatório de Análise à Execução Orçamental* do primeiro trimestre, entregue ontem pela Unidade Técnica de Apoio Orçamental (UTAO) no Parlamento.

"A análise da execução do Capítulo 60 do 1.º trimestre revela um ritmo de execução superior ao do período homólogo, tendo sido mobilizada cerca de metade da dotação provisional para pagamento do acordo extrajudicial da Barragem do Fridão (228 milhões de euros) a par de uma maior utilização das dotações centralizadas", refere o relatório da unidade coordenada por Rui Nuno Baleiras.

A UTAO explica que até ao final de março de 2024 a despesa efetiva relativamente à dotação provisional, às dotações centralizadas e às restantes despesas excecionais ascendeu a 573 milhões de euros, "situando-se 474 milhões de euros acima do período homólogo, refletindo um grau de execução de 23,9%, superior ao do ano anterior (5%)".

De acordo com os técnicos que prestam apoio aos deputados, esta evolução reflete a aceleração da utilização da dotação provisional no valor de 239 milhões de euros, correspondente a um consumo de 47,7% da previsão anual, e das dotações centralizadas (41%).

"A dotação provisional foi mobilizada para pagamento do acordo extrajudicial entre o Estado e a EDP no âmbito do processo do Aproveitamento Hidroelétrico do Fridão (228 milhões de euros)", indica.

A dotação provisional tem uma dotação de 500 milhões de euros este ano e destina-se a fazer face a despesas imprevisíveis, urgentes e inadiáveis, sendo da competência exclusiva do Ministério das Finanças.

Por seu lado, nas dotações centralizadas, a UTAO destaca a despesa de investimento destinada a assegurar a comparticipação nacional de projetos comunitários (50 milhões de euros), que se encontra completamente consumida, e a regularização de passivos e aplicação em ativos (42 milhões de euros).

> Despesa efetiva da dotação provisional, dotações centralizadas e restantes gastos excecionais ascendeu a 573 milhões de euros, 474 milhões acima do período homólogo, diz UTAO.

As dotações centralizadas foram introduzidas na prática orçamental a partir de 2016 e constituem verbas destinadas a fazer face a objetivos específicos de algumas políticas públicas, assegurando-se através da sua gestão centralizada um controlo mais efetivo do Ministério das Finanças, assinala a UTAO.

O relatório recorda que, em 2024, estas dotações totalizam 745 milhões de euros e destinam-se ao "Orçamento participativo (cinco milhões de euros), a assegurar a contrapartida nacional do investimento financiado pelos instrumentos comunitários (50 milhões de euros) e à regularização de passivos (690 milhões de euros).

A unidade refere ainda que as despesas excecionais geridas pela Direção-Geral do Tesouro e Finanças (DGTF) aumentaram 144 milhões de euros, traduzindo um grau de execução de 14,4% e "um ritmo de realização de despesa superior ao do mesmo período do ano anterior (9,8%), refletindo um diferente perfil de pagamento do Subsídio Social de Mobilidade".

A UTAO também alerta, no mesmo relatório, para a desaceleração da receita, nomeadamente fiscal. "Em 2024, parecem dissipar-se os fatores que impulsionaram a evolução orçamental no passado recente: no primeiro trimestre, assistiu-se à desaceleração da receita, particularmente na componente fiscal, após dois anos de expansão muito significativa, a par da diminuição do efeito-base das medidas transitórias", pode ler-se no relatório.

DN/DV/LUSA

Um quarto das famílias paga contas com dificuldade

A maior parte dos portugueses está convencida de que "não tem um nível de endividamento demasiado elevado", no entanto, há "uma percentagem significativa" que sente uma "pressão elevada" para saldar dívidas. A conclusão é do estudo *O bem-estar financeiro em Portugal: uma perspetiva comportamental*, realizado pela Laicos – Behavioural Change, Nova IMS e Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, para a Doutor Finanças.

O estudo aponta que "um em cada quatro portugueses tem dificuldades em pagar as suas contas e cumprir as suas obrigações financeiras". 22% dos inquiridos consideram que têm demasiadas dívidas, com 33% a responder que os encargos mensais "são demasiado altos para os rendimentos" do agregado. Acresce a confissão de 27% quanto à dificuldade em pagar contas todos os meses.

Outra conclusão do estudo é que, em caso de perda de rendimento, as famílias portuguesas enfrentam dificuldades adicionais, porque quase metade admite não ter o suficiente nas suas poupanças para "cobrir despesas durante três meses em caso de emergência". Segundo os dados recolhidos, 70% garantiu ter poupanças e 65% afiança ter colocado dinheiro de parte no último ano, mas só 50% tem reservas prontas para cobrir despesas durante três meses em caso de emergência.

Segundo o estudo, e apesar de quase dois terços dos inquiridos ter poupado algum dinheiro nos últimos 12 meses, 45% dos portugueses nunca realizou qualquer tipo de investimento, dos quais só 38% refere já ter pensado nisso.

A maioria da população, no entanto, já investiu algum dinheiro, sendo que a fatia mais considerável das poupanças das famílias é direcionada para produtos com menor risco, como Certificados de Aforro e Planos Poupança Reforma.

geral@dinheirovivo.pt

BREVES

Desemprego baixa para 6,3% em abril

A taxa de desemprego desceu para 6,3% em abril, menos 0,3 pontos percentuais do que no período homólogo e menos 0,1 face ao mês anterior, segundo as estimativas do Instituto Nacional de Estatística (INE). Assim, em abril, a taxa de desemprego atingiu o valor mais baixo desde agosto de 2023 (também 6,3%). De acordo com o INE, a população ativa (5342,1 mil), em abril, aumentou face ao período homólogo (1,2%) e diminuiu em relação ao mês anterior (0,5%). Em relação à estimativa provisória para abril da população empregada (5004,7 mil), o INE afirma que a mesma registou um acréscimo de 1,5% face ao mesmo mês de 2023 e um decréscimo de 0,4% em relação ao mês anterior. A população desempregada em abril, estimada em 337,4 mil pessoas, diminuiu 2,8% face ao período homólogo e 2,1% face a março.

Tribunal confirma multa à TAP

O Tribunal da Concorrência, Regulação e Supervisão considerou improcedente o recurso da TAP quanto à multa de 50 mil euros aplicada pela Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM), por considerar que enviou informação "não-verdadeira" ao mercado. "Julga-se o recurso totalmente improcedente, mantendo-se, na íntegra, a condenação da Recorrente [TAP] na coima de 50 000 euros, pela prestação, a título doloso, da contraordenação prevista, (...) consubstanciada na violação do dever de divulgar informação com qualidade", lê-se na sentença do Tribunal da Concorrência, datada de 8 de abril e divulgada ontem pela CMVM. Em causa está a multa aplicada pelo *polícia* da bolsa à companhia, por considerar que não prestou informação verdadeira sobre a saída da ex-administradora Alexandra Reis.

Iván Duque
"Petro quer convocar uma Constituinte sem cumprir os requisitos para se perpetuar no poder"

COLÔMBIA Ex-presidente colombiano, que esteve no Porto para a cimeira da organização Concordia na Europa, traça ao DN um cenário negativo da situação do seu país, não poupando críticas ao sucessor e à esquerda latino-americana. E defende Javier Milei e Jair Bolsonaro.

ENTREVISTA **SUSANA SALVADOR**

Deixou há quase dois anos a Presidência da Colômbia, após quatro anos de mandato (2018-2022). Olhando para trás, mudaria algo?
Mais do que pensar em mudanças, acho que deixei muitas coisas positivas. Talvez tivéssemos podido acelerar algumas políticas, mas acho que a satisfação maior foi ter conseguido cumprir mais de 85% do nosso plano de desenvolvimento e deixar ao país coisas que falam por si mesmas. A educação universitária gratuita para a grande maioria dos estudantes, uma economia com o maior ritmo de crescimento da sua história, ter podido aprofundar o acesso dos cidadãos à habitação, deixar ao país uma agenda ambiental de transição energética e ter também acelerado, de alguma forma, toda a implementação dos planos de desenvolvimento com foco territorial para alcançar uma distribuição equitativa de recursos para os municípios afetados pela violência. Acho que deixámos o país num ciclo bastante positivo.

Mas nem tudo foi positivo. Falou da violência, há a questão do aumento do narcotráfico...
Temos sempre de olhar para as coisas com os indicadores oficiais. Nós deixámos a taxa de homicídio, no quatriénio, mais baixa em 40 anos. Deixámos a taxa de sequestros mais baixa desde que a Colômbia mede esse crime. E conseguimos parar o crescimento exponencial dos cultivos ilegais. A Colômbia, entre 2015 e 2018, passou de 50 mil hectares para mais de 200 mil hectares. Conseguimos parar isso. E também conseguimos extraditar Otoniel [um dos grandes traficantes de droga], desarticular os grupos armados Los Pelusos, Los Caparros e Los Puntilleros, enfrentar o ELN, também a dissidência das FARC. Em matéria de segurança é incontestável. E obviamente que nos dói ver a atual situação. Vemos a segurança deteriorada, vemos a economia deteriorada, a ideologização de todas as reformas, o desejo de estatizar. E isso tudo leva a que hoje, a Colômbia, tenha talvez uma das menores perceções da América Latina e das Caraíbas. Quando vê uma economia que passou de crescer 7% ou até 8%, inclusivamente, no ano de 2019 a crescer 3,4%, a crescer 0,6% no ano passado. E este ano, com ajustes, 0,7% ou 0,8%, isso mostra uma deterioração grande. Ver como o investimento direto estrangeiro caiu, as exportações caíram, a fuga de capitais... Tudo isto mostra a deterioração de um Governo que a única coisa que fez foi semear desconfiança, polarização e populismo.

> *"O presidente [Gustavo Petro] é perito em vitimizar-se (...). Fala de golpes silenciosos. Mas, na realidade, quem está a querer dar um golpe silencioso contra a Constituição é ele."*

O presidente Gustavo Petro fala de fazer uma Assembleia Constituinte, usando como base o acordo de paz. O que pensa disso?
O presidente é perito em vitimizar-se. Ele construiu a sua campanha política a vitimizar-se e fala muito de ficção científica. Fala de golpes silenciosos. Mas, na realidade, quem está a querer dar um golpe silencioso contra a Constituição é ele. Porque quer convocar uma Constituinte sem cumprir os requisitos para se perpetuar no poder. Mas nem o povo colombiano o vai permitir, nem o Congresso, nem os tribunais, nem as Forças Militares. Todos os colombianos, temos de nos unir nesse propósito. Que ele governe até 7 de agosto de 2026, nem um dia menos, nem um dia mais, mas não vamos permitir que ele dê um golpe ao ordenamento constitucional.

Mas que argumentos usa para a Constituinte?
Não lhe importam os argumentos, porque para convocar a Constituinte são precisos procedimentos, mais do que argumentos. Tem de apresentar um projeto de lei, o Congresso tem de o discutir em oito debates, tem de passar num controlo no Tribunal Constitucional. Se a lei for aprovada, tem de se convocar um referendo. O referendo tem de ter mais de 13,5 milhões de votos. Se ganhar o "Sim", tem de se convocar as eleições e eleger a Constituinte, que tem de escrever a nova Constituição e aprová-la, sendo necessário ainda mais um controlo constitucional. Isso são mais de dois anos, em prazos prudentes. Por isso, ele não quer recorrer a este procedimento, porque não tem maioria no Congresso e sabe que os tribunais não vão permitir que se destruam os eixos estruturais da Constituição. E, por isso, a armadilha que está a planear será dar esse golpe em 2025, porque agora o seu interesse estratégico é apoderar-se do Tribunal Constitucional. Vão sair quatro juízes. O seu objetivo é, por via extraordinária, poder convocar esta Constituinte à medida, sem cumprir os procedimentos e perpetuar-se no poder.

Porque o mandato do presidente na Colômbia são só quatro anos.
Sim. Não há reeleição, nem sequer sem ser consecutiva. É isso que diz a Constituição, foi isso que eu fiz, e acho que a Colômbia não está, neste momento, para experiências de reeleição.

Falou da ideologia. Acha que a ideologia está a fazer mal à Colômbia e à América Latina, em geral?
Não é só um tema ideológico, é quando a ideologia está acima das provas, acima da informação. Porque claro que os dirigentes políticos devem ter ideologia, mas o que não podem assumir é que, quando são eleitos presidentes, podem impor a sua ideologia à nação. E, claramente, o problema que existe é a ideologização e o fanatismo, que também levam a uma conjugação de ignorância com arrogância. Nacionalizar o Sistema de Saúde, o Ensino Superior, o Sistema de Pensões, fazer uma reforma laboral para satisfazer as elites sindicais e não para gerar novos empregos para os jovens. A Colômbia precisa de uma grande aliança nacional republicana para derrotar esse modelo demagógico em 2026, no qual participe o maior número de pessoas, que se possa estabelecer uma candidatura única e no qual defendamos a superioridade moral da economia de mercado com sentido social, a superioridade moral da democracia, dos controlos

PEDRO GRANADEIRO / GLOBAL IMAGENS

"No caso da Argentina o problema é que se tratou de chamar a Javier Milei extremista de direita. Na realidade ele é um liberal clássico que defende, em primeiro lugar, a derrota da inflação, que é o maior imposto para os pobres."

com pesos e contrapesos, e não este projeto pseudo-chavista que se quer implementar na Colômbia.

Entendo a sua posição em relação a uma ideologia de esquerda ou extrema-esquerda, mas não acha que a ideologia de extrema-direita pode ser igualmente perigosa?

Eu nunca estive nos extremos. Por isso me defini sempre de centro. A extrema-direita na Colômbia chamava-me socialista, a extrema-esquerda dizia que era fascista. Eu sempre estive no centro e acredito na tecnocracia, nos equilíbrios democráticos. Qualquer extremo, a única coisa que faz é danificar o funcionamento da democracia, porque baseia a sua ascensão ao poder na polarização, na pós-verdade e no populismo. Daí defender que a oportunidade está numa grande aliança nacional, onde possa haver maior convergência, onde o papel dos ex-presidentes não seja ofuscar os candidatos, mas orientar com critérios, com princípios, com propostas. Uma grande convergência nacional para sair desta horrível noite para a qual nos conduziu este Governo demagógico, arrogante e ignorante.

Mas a situação na América Latina é cada vez mais de extremos. A Argentina de Javier Milei...

Olhamos sempre para os exemplos turbulentos, mas temos de olhar também para os exemplos positivos. Porque não olhamos para o caso de Luis Abinader, na República Dominicana, que acabou de ser reeleito com uma maioria esmagadora governando a partir do centro, com critérios, sem sectarismos e sem radicalismo ideológico? Ou para Luis Lacalle Pou, no Uruguai, para Daniel Noboa, no Equador, Santiago Peña, no Paraguai, ou o presidente Irfaan Ali, na Guiana, que, a partir do centro, estão a construir muitos bons exemplos para o continente. Quando os partidos se perpetuam no poder, como na Bolívia, como o *Correismo* [Rafael Correa] no Equador, de alguma maneira também o caso de Daniel Ortega, que se tornou numa ditadura na Nicarágua. Quando se tenta impor um estatismo sobre a economia de mercado a única coisa que há é um grande fracasso social. Por isso não podemos ter pena de defender a superioridade moral da economia de mercado com sentido social, em gerar condições de investimento, e ver a segurança como um bem público e um princípio democrático. Acho que essa é hoje a realidade na América Latina. Mais do que falar de esquerda ou direita, hoje a América Latina tem demagogos e pedagogos. Os demagogos são os que estão a destruir o capital humano, económico, ambiental. E os pedagogos são os que defendem a economia de mercado com sentido social, defendem a democracia, defendem a segurança e são os que hoje dirigem as economias com melhor desempenho na região.

O que acontece é que temos tendência para olhar para os gigantes – Brasil, Argentina, Chile, Colômbia –, onde a situação política é mais complicada...

No caso da Argentina o problema é que se tratou de chamar a Javier Milei extremista de direita. Na realidade ele é um liberal clássico, que defende, em primeiro lugar, a derrota da inflação, que é o maior imposto para os pobres. Há um presidente que está a enfrentar a inflação precisamente para proteger os mais vulneráveis, que foram aqueles que a esquerda da Argentina sempre tentou defender, mas empobreceu, porque uma inflação de mais de 250% o que faz é empobrecer. Por outro lado, a responsabilidade fiscal, porque um país que não pode viver com os recursos que gera e angaria está condenado à quebra. Acho que Milei tem uma receita económica que é a que precisa a Argentina, por mais dolorosa que seja. Acho que as coisas têm de ser vistas sob esse prisma. E, no caso particular do Brasil, acho que tem de renovar as suas lideranças políticas. Que em 20 anos haja um partido que praticamente governou 16, mostra que esse não é o caminho do desenvolvimento. Tem de se procurar uma maior alternância no poder. Lula sempre tentou ser pragmático, foi assim nos seus primeiros Governos, mas não podemos esconder que o povo brasileiro, hoje, clama por ter novas opções eleitorais, por uma nova geração.

Jair Bolsonaro não o era.

Eu tive a oportunidade de governar com o presidente Bolsonaro. Primeiro, ele foi um defensor da democracia no continente e enfrentou a ditadura de Nicolás Maduro sem contemplação. Segundo, vi como fez reformas fiscais e das pensões necessárias para pôr em ordem o fisco brasileiro. Três, pude ver como muitos dos seus ministros tinham o desejo de ter uma agricultura baixa em carbono, de avançar em infraestruturas estratégicas, de trazer mais investimento. Mas, obviamente, também ficou capturado e rotulado pelas narrativas da extrema-esquerda, que sempre o tentou demonizar e caricaturar. Mas a verdade é que representou uma grande percentagem da população, que hoje governa em muitos Estados no Brasil, que são pessoas que pensam como ele. Não se podem desprezar as pessoas que querem um Brasil responsável com o meio ambiente, mas com crescimento económico, que querem um país que possa desenvolver as suas indústrias tradicionais, mas que ao mesmo tempo seja uma potência nas energias renováveis. Acho que esses são os equilíbrios que o Brasil precisa.

O problema com Bolsonaro prende-se com a passagem de poder, tal como com Trump no EUA.

Sim, mas o que eu não gosto é do relativismo moral. Porque, tal como pode haver coisas controversas e até censuráveis dos discursos quando se trata de aceitar o pronunciamento das urnas, também não podemos apagar toda uma história de conviver com a corrupção, que foi um dos padrões de comportamento da extrema-esquerda na América Latina. Porque eles gostam de dar nome, e criar uma narrativa, a tudo o que é contra eles, mas também tratam de minimizar e esconder as suas grandes falácias e defeitos, como essa convivência com a criminalidade, com o narcotráfico, com a corrupção.

Não digo que à esquerda não existem problemas. Na Venezuela...

Aí houve uma grande ambivalência. Como é que alguns países da América do Sul agora tentam posicionar Nicolás Maduro como um grande democrata, quando é um autocrata, um sátrapa. É preciso sair desse relativismo moral, chamar as coisas pelos nomes.

Que futuro vê para a América Latina e a Colômbia?

Eu sou otimista. Acho que, às vezes, os povos têm de sentir na pele os estragos destas narrativas populistas e demagógicas para as derrotar estruturalmente e recuperar a possibilidade de ter grandes coligações de políticas de Estado de longo prazo. Eu acho que será assim na Colômbia. Vejo uma grande aliança republicana a ganhar em 2026 e vejo mais países na América Latina que tenham caído nas garras do populismo e da demagogia a derrotá-la nos próximos anos.

Tem um *podcast* chamado *Tres respuestas*. É o seu contributo para alcançar esse objetivo?

Eu faço o que gosto, o que me dá paixão e interesse. E tenho a possibilidade de ter conversas com pessoas que são muito interessantes e pensei: "Por que não partilhar essa conversas com uma audiência mais ampla, num formato relaxado, onde o interlocutor possa falar e partilhar as suas ideias?" É disso que trata *Tres respuestas*. Já temos dois episódios, vêm aí mais interessantes, e vamos misturar muitos temas: política, geopolítica, meio ambiente, empreendimento, música... Estou a gostar de poder dar a muitos interlocutores o acesso ao povo colombiano, e não só.

Aos 42 anos foi o presidente mais jovem do país. Não deve ser fácil ser ex-presidente ainda jovem...

Não o vejo como algo que me limita ou que me impede de apreciar a vida. É uma honra muito grande ter sido presidente da Colômbia, é uma honra ainda maior ser ex-presidente que, como me disse o presidente Lacalle Pou, é passar do poder à autoridade. Autoridade para opinar sobre os temas que, para uns são sensíveis, e poder convidar a cidadania a ouvir, sem preconceitos ou sectarismos.

susana.f.salvador@dn.pt

HANS BERGGREN / FORÇAS ARMADAS SUECAS

Um dos dois ASC 890 que Estocolmo vai transferir para os ucranianos.

Ucrânia vai receber da Suécia olhos para os F-16

GUERRA Os dois aviões de vigilância e reconhecimento darão aos aviões de combate uma capacidade operacional plena.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Horas depois de o presidente ucraniano ter assinado um acordo de cooperação de segurança bilateral com o primeiro-ministro português, e no qual o governo se compromete em nova assistência no valor de 26 milhões de euros, a Suécia anunciou um pacote de ajuda militar no valor de 1,16 mil milhões de euros. Destaca-se o envio de dois aviões de vigilância e reconhecimento, o que dará maior capacidade operacional aos F-16.

O décimo sexto pacote de assistência militar da Suécia – o maior até agora – inclui duas aeronaves de alerta aéreo antecipado e controlo (AEW&C, na sigla inglesa), de produção sueca, ASC 890. Equipado com um sistema de radar avançado, este avião pode detetar e monitorizar objetos até 400 quilómetros de distância, de caças a helicópteros, de mísseis de cruzeiro a alvos navais. Ao anunciar o novo pacote de assistência, o ministro da Defesa sueco Pal Jonson disse que os ASC 890 fornecerão à Ucrânia "uma nova capacidade contra alvos aéreos e marítimos" e que "atuará como um multiplicador de forças com a introdução do F-16". O primeiro-ministro Ulf Kristersson, citado pela Associated Press, lembrou que os dois aparelhos são os únicos do género que a Suécia tem. "Por conseguinte, assumimos também um risco deliberado e calculado. Penso que se trata de uma contribuição incrivelmente forte." Entrevistado há um mês no canal de TV ucraniano Freedom, o presidente da associação de pilotos ucranianos Gennady Khazan realçava o facto de os aviões de fabrico norte-americano só ganharem "plena operacionalidade no momento em que um avião de reconhecimento com radar de longo alcance está presente no ar".

O governo sueco preparava-se para o envio dos aviões de combate JAS 39 Gripen – de quarta geração como os F-16 –, mas a pedido de aliados esse plano ficou em suspenso. A justificação é a de que não deve haver uma introdução de dois modelos em simultâneo. No entanto, Jonson não afasta a entrega no futuro dos Gripen, de que tem ao dispor 90 unidades. Em 2022, o grupo de reflexão britânico Royal United Services Institute aconselhava "de longe" o Gripen em relação aos outros caças ocidentais.

> Na terça à noite, ao lado de Olaf Scholz, Emmanuel Macron defendeu o direito dos ucranianos atacarem alvos militares na Rússia.

O pacote de assistência da Suécia inclui a totalidade dos veículos blindados de transporte PBV 302, e mísseis ar-ar AMRAAM, que servirão os F-16. Estocolmo não impõe limites à utilização de armas em solo russo – o mais recente debate entre aliados. Através do secretário de Estado Antony Blinken, de visita à Moldávia, os Estados Unidos reafirmaram que "não encorajam nem compactuam com ataques fora da Ucrânia", mas o presidente francês e a ministra dos Negócios Estrangeiros da Finlândia juntaram as suas vozes à do secretário-geral da NATO, que defende o direito de Kiev atacar alvos militares em solo russo com armas ocidentais. "Se dissermos [aos ucranianos] que não têm o direito de atingir o ponto de onde os mísseis são disparados, estamos de facto a dizer-lhes que estamos a entregar armas, mas que não se podem defender", disse Emmanuel Macron. Britânicos, neerlandeses ou polacos já afirmaram que os ucranianos têm o direito de atacar em solo russo, desde que sejam alvos militares.

cesar.avo@dn.pt

Israel aponta para mais sete meses de guerra

GAZA Declarações do conselheiro de Segurança Nacional israelita afastam cenário de trégua. EUA querem que Telavive apresente plano pós-conflito.

Um alto-funcionário israelita disse que a guerra para destruir o grupo islamista Hamas, na Faixa de Gaza, pode estender-se até ao fim do ano, no mesmo dia em que as suas forças assumiram o "controlo operacional" do corredor Philadelphi, 14 quilómetros ao longo da fronteira entre o enclave e o Egito.

"Podemos ter mais sete meses de combates para consolidar o nosso sucesso e alcançar o que definimos como a destruição do poder e das capacidades militares do Hamas", disse o conselheiro de Segurança Nacional Tzachi Hanegbi. "Para nós, a vitória significa destruir as capacidades militares do Hamas, trazer de volta todos os reféns e garantir que no final da guerra não haja mais ameaças de Gaza", acrescentou.

"Noutras palavras, não haverá mais exércitos terroristas financiados pelo Irão na nossa fronteira", sublinhou Hanegbi em declarações à emissora israelita Kan. Homem de confiança do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, o conselheiro falou também sobre o pós-guerra, mas sem adiantar nada de muito específico. "Estamos a tentar planear o que acontecerá depois da guerra, para que os palestinianos sejam responsáveis pelas suas próprias vidas. Seremos responsáveis pela segurança de Israel, mas não queremos governar em Gaza", garantiu. O chefe da diplomacia norte-americana reiterou a necessidade de Telavive apresentar um plano. "Na ausência de um plano para o dia seguinte, não haverá um dia seguinte. E é para aí que temos de ir e temos de conseguir, o mais rapidamente possível", disse Antony Blinken. "Caso contrário, o Hamas será deixado no comando, o que não é aceitável. Ou então, teremos o caos, a ausência de lei e um vazio que acabará por ser preenchido pelo Hamas ou talvez algo, se for possível imaginar, ainda pior: *jihadistas*."

Os combates intensificaram-se nas últimas horas em Rafah, segundo relataram moradores e funcionários palestinianos, enquanto o exército israelita anunciou o "controlo operacional" do corredor Philadelphi. As tropas israelitas já haviam tomado o controlo da passagem de fronteira de Rafah com o Egito em 7 de maio, ao iniciar a ofensiva terrestre nessa cidade no extremo sul de Gaza. O corredor Philadelphi – nome crismado pelas forças israelitas – é uma zona de segurança entre Gaza e o Egito, patrulhada por tropas israelitas até 2005, ano em que se retiraram daquele território.

O dia ficou ainda marcado pelo agravamento das relações entre Israel e Brasil: Brasília decidiu retirar o embaixador em Telavive. Frederico Meyer havia sido chamado para consultas após declarações de Lula em fevereiro, nas quais o presidente brasileiro acusou o governo de Netanyahu de cometer "genocídio" na Faixa de Gaza, ao que Telavive declarou Lula *persona non grata*. **C.A. com AFP**

BASHAR TALEB / AFP

Deslocados palestinianos em Rafah.

Análise
Germano Almeida

Não podemos cansar-nos da guerra

Zelensky veio a Portugal e fez um apelo: "Não se deixem cansar pela guerra. Não se cansem de apoiar-nos. Não cedam à narrativa russa, não caiam na desinformação que eles vos fazem."

O risco nunca terá sido tão grande – mas a boa notícia é que, dois anos e três meses depois da invasão russa de larga escala à Ucrânia, grande parte dos cidadãos das sociedades livres e democráticas do Ocidente continua a perceber o que está verdadeiramente em causa. Mesmo que alguns se deixem confundir pelo nevoeiro da guerra híbrida.

O acordo bilateral de cooperação e segurança celebrado entre Portugal e Ucrânia é válido por uma década. Dez anos, nas relações internacionais, é mesmo muito tempo. Mas Zelensky fez ressalva decisiva: "Isso não significa que a guerra vai continuar por dez anos." A década aponta para horizonte longo e durável na relação de Portugal com uma Ucrânia que, por 2034, seja já plenamente europeia, democrática e livre da agressão de Moscovo.

Zelensky corporizou, a 24 de fevereiro de 2022 um destino singular: o de ser o líder de um país invadido por uma grande potência militar. Podia ter fugido, não o fez; ter resistido foi fundamental para a resiliência ucraniana nestes dois anos e três meses. As viagens são fundamentais para concretizar essa resistência num plano internacional, mostrando que apoiar a Ucrânia é uma obrigação das democracias, na defesa do sistema internacional.

A visita do Presidente da Ucrânia a Portugal foi muito rápida – cinco horas e meia – mas teve balanço muito positivo. Saiu reforçada a ideia de que Kiev compreende perfeitamente o lugar de Portugal no apoio à Ucrânia: dimensão financeira e militar limitada, mas devidamente direcionada; mais-valias na ajuda à formação de pilotos e mecânicos para os F-16 e, sobretudo, aposta no *soft power* português de fazer pontes diplomáticas com o *Sul Global* (PALOP e não só).

Zelensky conta com a ajuda lusa nos complicados dossiês de adesão à UE – o processo ucraniano de entrada em Bruxelas arranca já em junho, ainda que vá ser longo e complicado – e mesmo à NATO. A entrada da Ucrânia na UE deverá acontecer até ao final da década e será acompanhada de outros países da Parceria Oriental da UE. Será uma nova Europa, a 35 ou 37. Exigirá reforma institucional, mas é aposta decisiva para o futuro da Europa. Sem uma Ucrânia livre e democrática, e com uma Rússia imperial agressiva, o projeto europeu ruirá.

Os 126 milhões de euros previstos no acordo bilateral têm de ser olhados em contexto. Portugal tem uma economia seis vezes mais pequena que Espanha, o acordo português é dez vezes mais pequeno que o espanhol; temos uma economia que é metade da belga, o acordo português é oito vezes mais pequeno que o belga. Mas também tem a ver com a falta de capacidade militar. O nosso destino continua a ser o *soft power* e as relações.

Os 12 acordos bilaterais já assinados – Reino Unido, Alemanha, França, Dinamarca, Canadá, Itália, Países Baixos, Finlândia, Letónia, Espanha, Bélgica e Portugal – são muito diferentes na dimensão financeira e no material disponibilizado – mas todos são importantes, porque consolidam as relações bilaterais desses países com a Ucrânia, dentro do que cada um pode dar e respetiva realidade. Devem ser vistos como um complemento com as grandes decisões saídas de NATO, G7 e UE e pela projeção temporal que implicam.

Todas as fichas na Cimeira da Paz em junho

E há também a Cimeira da Paz, principal iniciativa diplomática da Ucrânia desde que foi invadida pelo *urso* russo. Mais de 70 chefes de Estado e de Governo confirmaram presença no evento, que decorrerá entre 15 e 16 de junho, em Burgenstock, na Suíça.

Os principais líderes latino-americanos deverão estar presentes, mas com uma exceção de peso: o Brasil.

Zelensky reforçou essa ideia nas visitas a Espanha, Bélgica e Portugal: a Cimeira da Paz de junho na Suíça será um momento definidor. Quem se juntar está a endossar a sua fórmula da paz; quem rejeitar está, por omissão, a permitir a agressão russa do Direito Internacional. O presidente ucraniano conta com Portugal para obter o máximo de "sins" possíveis de países africanos, não desistiu da China e vê a presença de Biden como obrigatória.

O presidente norte-americano estará nos dias anteriores em Itália, na Cimeira do G7, o que aumenta a expectativa sobre uma possível adesão de Biden a uma iniciativa importante para a agenda de Zelensky. Por enquanto, os EUA só confirmaram a presença por via de uma delegação de "nível intermédio" de responsabilidade.

Zelensky teve recentemente uma longa conversa com Orbán e convidou-o a estar na Suíça, para a cimeira de junho. "A posição da Hungria é importante para nós em termos de aproximar a paz e a nossa segurança regional comum", realçou Zelensky.

Urge avançar no reforço diplomático e militar à Ucrânia: a Rússia prepara-se para enviar até 300 mil soldados para a fronteira norte da Ucrânia. O aviso foi feito pelo ministro da Defesa ucraniano, Rustem Umerov.

Especialista em Política Internacional

Opinião
João Almeida Moreira

Pela família tradicional brasileira

Dom João III doou o litoral brasileiro a nobres portugueses sob a forma de "capitanias hereditárias", que, como o nome indica, passavam do capitão para o herdeiro, deste para o filho e assim sucessivamente.

No papel, as capitanias hereditárias acabaram em 1753. Mas será?

Por exemplo, no Amazonas, o falecido Arthur Virgílio Filho foi deputado estadual, deputado federal e senador, o reformado Arthur Virgílio Neto foi deputado federal, senador, prefeito de Manaus e ministro de Fernando Henrique Cardoso (FHC) e Arthur Virgílio Bisneto já é deputado federal.

Em Pernambuco, o jovem João Campos, prefeito do Recife, é filho de Eduardo Campos, ex-governador que faleceu na campanha presidencial de 2014 num desastre de avião, e bisneto de Miguel Arraes, que também governou o estado. A prima, Marília Arraes, perdeu a corrida em 2022, mas para Raquel Lyra, filha de outro ex-governador e sobrinha de um ex-ministro.

Em Minas Gerais há os Neves, de Tancredo, avô, a Aécio, neto. E os Barbalho, através de Laércio, Jader e Helder, andam há três gerações a dominar a política do Pará.

Na Bahia, o cacique Antônio Carlos Magalhães, conhecido como ACM, gerou filhos, tios e sobrinhos políticos, além de ACM Neto, prefeito, por oito anos, de Salvador.

E no Ceará, além do eterno candidato presidencial Ciro, a família Gomes tem ainda Cid, senador, ex-ministro e ex-prefeito de Sobral, cidade hoje nas mãos de um terceiro irmão, Ivo, que outrora foi liderada pelo pai dos três.

Já em Alagoas, o prodigioso Renan Calheiros, que tem três irmãos políticos, conseguiu ser braço-direito de Collor de Mello, ministro de FHC e aliado de Lula da Silva, em cujo Governo encaixou, como ministro dos Transportes, Renan Filho. No Estado, os rivais dos Calheiros são os Lira, de Arthur Lira, atual presidente da Câmara dos Deputados, e do pai dele, Benedito, ex-senador e ex-deputado.

No Maranhão, de José Sarney, que foi tudo, até mau presidente, e dos filhos Roseana, ex-governadora, e Zequinha, ex-ministro, o aliado da família Jackson Lago abrigou 23 parentes, de sobrinhos a genros, quando esteve no Governo do Estado.

Mas, calma e para o baile: em 2018 chegou a "nova política" para acabar com este centenário forrobodó de meia-dúzia de famílias.

Nesse ano, o Rio de Janeiro elegeu como prefeito o pastor da IURD e cantor *gospel* Marcelo Crivella. Ele, porém, é sobrinho de Edir Macedo, fundador de uma nova forma de poder, o tele-evangelismo. Para a Casa Civil, o cargo mais poderoso e bem remunerado da autarquia, o prefeito nomeou um tal de Marcelinho Crivella, que, nem seria preciso dizer, é seu filho. O pai Crivella, que acabou preso acusado de liderar organização criminosa, tinha prometido na campanha "proteger a tradicional família brasileira" – à sua maneira, cumpriu.

O vértice da "nova política brasileira", entretanto, é o inefável ex-presidente Jair Bolsonaro, que ainda não está preso, mas continua enterrado em casos de polícia, assim como os quatro filhos políticos. A um deles, quis oferecer o cargo de embaixador nos EUA: "Pretendo beneficiar um filho meu, sim, se puder dar *filet mignon* a filho meu dou, sim", bradou, enquanto 33 milhões de brasileiros viviam em insegurança alimentar sob o seu Governo.

No papel, as capitanias hereditárias acabaram em 1753. Na prática, o Brasil, que até elegeu um capitão como presidente em 2018, nunca acabou com elas – é mais provável elas acabarem com o Brasil.

Jornalista, correspondente em São Paulo

Di María quer retirar-se com Messi nos EUA, mas regresso imediato ao Rosario ameaçado

FUTURO Adeus oficial ao Benfica está para breve. Inter Miami parece ser o destino a partir de janeiro, mas jogar antes seis meses na Argentina ficou mais complicado, até porque ontem voltou a ser ameaçado por redes de narcotraficantes.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

GLYN KIRK / AFP

Messi e Di María brilharam na conquista do Mundial pela Argentina em 2022, no Qatar.

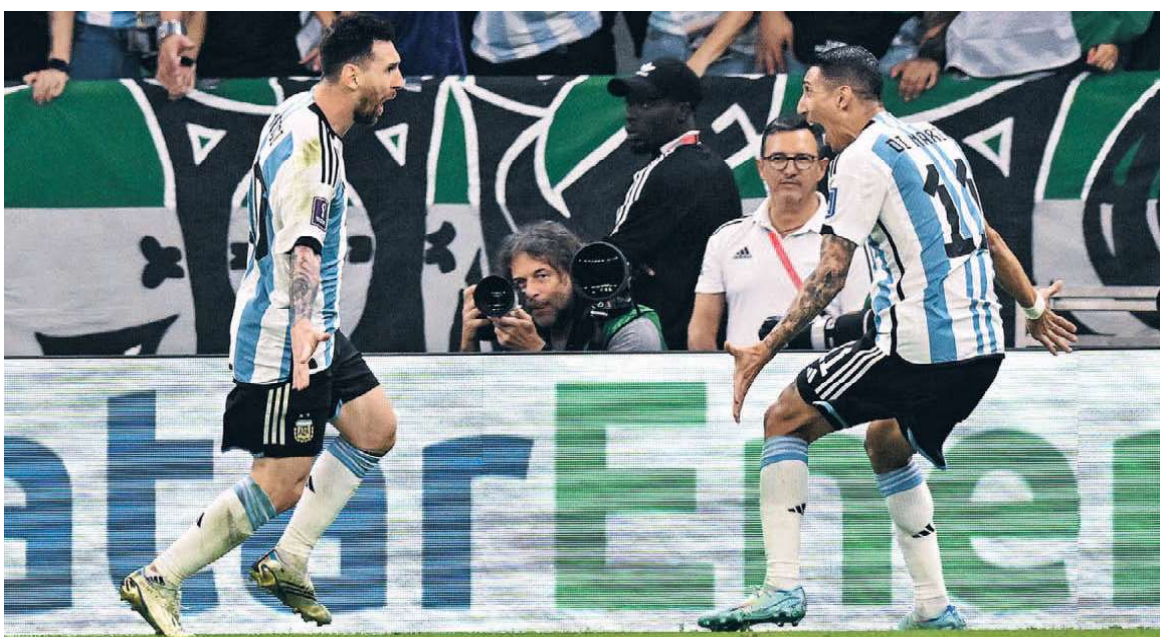
Basta fazer uma simples pesquisa em imagens no *Google* para se perceber a grande ligação entre Di María e Lionel Messi. Jogaram mais de 100 jogos juntos na seleção Argentina, pela qual se sagraram Campeões do Mundo em 2022, e coincidiram no PSG durante uma época (2021-22). Agora, em final de carreira, tudo aponta para que voltem a partilhar a mesma equipa, o Inter Miami. O extremo, em final de contrato com o Benfica, quer dar um novo rumo à carreira e tudo indica que vai deixar a Luz.

O plano tem sido avançado pela imprensa argentina com pormenores. O jogador de 36 anos prepara-se para dizer adeus ao Benfica e já terá chegado a um acordo financeiro com o Inter Miami. Mas a transferência para os EUA não está prevista imediatamente após a Copa América, a última prova de seleções que Fideo vai disputar (de 20 de junho a 14 de julho).

Existe a possibilidade de o extremo voltar antes ao país natal, para jogar até ao final do ano no clube onde despontou para o futebol, o Rosario Central. Depois, em janeiro, seguir para Miami, para então jogar ao lado do amigo e companheiro Lionel Messi, grande estrela da formação que tem como proprietário David Beckham.

"É muito fácil jogar com ele. Basta correr e ele coloca-nos a bola no pé. Messi é do outro mundo. Se lhe atirarem uma pedra, ele consegue dominá-la. É um jogador que pensa antes de qualquer outro. Joguei com Cristiano Ronaldo, Neymar, Mbappé, Rooney, Ibrahimovic, Van Persie, Bale, Benzema e nunca vi nada igual. Messi é único. Só existe um jogador que não tem altos e baixos: Messi", elogiou Di María em 2021, quando ambos partilhavam o balneário no PSG.

O primeiro contacto entre os dois argentinos deu-se em 2008, quando Di María jogava no Benfica e Messi no Barcelona, e foram ambos chamados à seleção argentina para participar nos Jogos Olímpicos de Pequim. "Desde que o conheci nesse ano, continua a mesma pessoa humilde. Criámos desde então uma relação de amizade que extravasou os relvados", contou ainda o extremo.

Foi ao serviço da Argentina, no Mundial2022 do Qatar, que a conexão resultou às mil maravilhas, sendo ambos considerados dois dos maiores responsáveis pela conquista do Campeonato do Mundo (marcaram na final contra à França, num jogo que terminou empatado a três golos e que os sul-americanos venceram nos penáltis). Antes, já tinham brilhado juntos quando conquistaram o ouro nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, e no triunfo na Copa América de 2021.

"A história vai registar com justiça Messi como o grande génio desta geração, o novo rei do futebol e Diós para os argentinos. Mas se Messi é o *Pelé Argentino*, não seria exagerado dizer que que Di María é o *Garrincha de Rosario*. O que Bebeto foi para Romário. O coadjuvante de luxo", escreveu na altura do Mundial o jornalista brasileiro Luiz Felipe Castro, num texto assinado na revista *Veja*.

Ameaças põem em causa regresso ao Rosario

A grande incógnita neste momento reside na possibilidade de Di María jogar seis meses do Rosario. E aqui há uma questão de segurança que pode impedir o desejo sempre expressado pelo ainda extremo do Benfica, de voltar a vestir a camisola do clube onde começou.

> O primeiro contacto entre os dois craques foi em 2008, na seleção olímpica argentina. Desde então tornaram-se grandes amigos.

Em março, a família do jogador foi alvo de ameaças de morte por elementos de redes de narcotráfico com ligações com claques de futebol. Na altura foi deixado um bilhete intimidatório no condomínio onde residem os pais e familiares do extremo, ameaçando-o de que se regressasse ao Rosario após terminar contrato com o Benfica, um familiar seria morto.

Alguns suspeitos foram entretanto detidos, mas ontem o caso teve mais um episódio. Revoltados com a eliminação do Rosario na Taça Libertadores, o mural de homenagem a Di María na cidade foi vandalizado com a frase "Ainda vais voltar?" Resta saber como irá reagir o jogador a esta nova onda de ameaças, sendo certo que na semana passada, numa entrevista, quando questionado sobre a permanência de Di María, o presidente Rui Costa disse ainda estar esperançado que pudesse ficar mais um ano e adiantou que fruto das ameaças que sofreu, "a hipótese da Argentina" já não estava "tão delineada quanto isso".

O problema é que não existe a possibilidade de o jogador se transferir já no verão para o Inter Miami. Isso mesmo foi deixado claro pelo treinador argentino Tata Martino: "Tem a ver com situações especiais, com o facto de termos um plantel que já está dentro do orçamento da MLS e por isso não há forma de ir buscar outra figura, nem Di María, nem outro. Ainda faltam dois meses para abrir o mercado, mas se não mudarem as regras da MLS não há maneira de contratar já um jogador como ele."

Este agora é o dilema do jogador. Após a eliminação do Rosario da Libertadores (competição que Di María tinha o sonho de jogar) e perante novas ameaças das redes de narcotráfico, será que o extremo ainda pondera regressar ao país Natal para jogar seis meses no clube onde se formou?

nuno.fernandes@dn.pt

FC BARCELONA

Hansi Flick já foi apresentado no Barcelona.

FC BAYERN

Kompany assinou contrato com o Bayern até 2027.

Flick e Kompany, treinadores-surpresa de dois gigantes

PALAVRA Barcelona aposta num alemão que estava no desemprego há quase dois anos e Bayern Munique contrata belga que desceu de divisão.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

Está confirmado. Barcelona e Bayern Munique anunciaram ontem oficialmente os seus treinadores para a próxima época. Tratam-se de apostas-surpresa e, bem vistas as coisas, de algum risco, afinal o alemão Hans-Dieter Flick vai pegar no gigante espanhol quase dois anos depois de ter sido despedido da seleção da Alemanha, enquanto o belga Vincent Kompany assume os bávaros cerca de dez dias depois de ter descido de divisão com os ingleses do Burnley.

Curiosamente, foi no Bayern que Hansi Flick deu nas vistas como treinador, quando em novembro de 2019 subiu de adjunto a treinador principal dos bávaros depois do despedimento do croata Niko Kovac. Nessa altura, iniciou um percurso fantástico que culminou com a conquista de todos os troféus nacionais e internacionais. Em 2021, deixou Munique para regressar à seleção alemã, onde tinha sido adjunto, para tentar inverter o ciclo negativo, mas as coisas não correram bem – a *Mannschaft* foi eliminada na fase de grupos do Mundial 2022 –, tendo em dois anos e meio vencido apenas 12 dos 25 jogos que orientou.

Flick surge agora como alternativa a Xavi Hernández, treinador que orientou o Barcelona durante três épocas marcadas pela crise financeira do clube, mas que apesar disso conseguiu conquistar um título de campeão espanhol. Os problemas com a direção, nomeadamente com o treinador Joan Laporta e o diretor desportivo Deco, provocaram o divórcio.

Após assinar contrato por duas temporadas, o treinador alemão de 59 anos falou aos meios de comunicação dos *blaugrana*, considerando tratar-se de "uma grande honra" e ainda "um sonho" ser treinador de um clube como o Barcelona. "Tenho muita vontade de começar. Já comprovei que todos amam este clube e fazem tudo para ter êxito", sublinhou, garantindo que a filosofia de jogo do clube "encaixa-se muito bem" com a sua: "Posse de bola e futebol ofensivo são aspetos de que gosto", acrescentou, destacando que a equipa "tem uma boa mistura entre jogadores com experiência e jovens com talento".

Em Munique também foi dia de encerrar um processo que demorou mais do que a administração do Bayern pretendia. Vincent Kompany, de apenas 38 anos, assinou contrato válido por três temporadas, sucedendo assim ao experiente Thomas Tuchel, após um raro ano sem títulos no gigante da Baviera.

E por que razão Kompany é uma escolha surpreendente? Em primeiro lugar porque é apenas o seu quinto ano como treinador principal, tendo começado no Anderlecht, onde em duas épocas não conseguiu melhor do que o 3.º lugar na liga belga. Em 2022 foi contratado pelo Burnley, clube pelo qual venceu o *Championship* e, consequentemente, subiu à *Premier League*, da qual foi este ano despromovido com apenas cinco vitórias em 38 jogos.

Jan-Christian Dreesen, CEO do Bayern, justificou a escolha com o facto de o antigo defesa-central representar "a união e o espírito de equipa" que é necessário para "regressar ao sucesso". Kompany, que procura construir uma carreira de treinador com a qualidade que teve como futebolista, deixou o mote para aquilo que pretende da sua nova equipa: "É uma grande honra trabalhar neste clube. Enquanto treinador quero uma equipa que adore ter a bola, que seja criativa e também seja agressiva e corajosa em campo."

As aparentemente arriscadas apostas de Barcelona e Bayern juntam-se à do Liverpool que há cerca de duas semanas anunciou como sucessor do carismático Jürgen Klopp, o holandês Arne Slot, que aos 45 anos, conta com um título de campeão e uma Taça dos Países Baixos pelo Feyenoord.

carlos.nogueira@dn.pt

Sonia Bompastor assina pelo Chelsea

A francesa Sonia Bompastor, de ascendência portuguesa, foi ontem anunciada como nova treinadora da equipa feminina do Chelsea. Aos 43 anos, esta filha de pais portugueses deixa o Lyon onde conquistou três Ligas Francesas e uma Liga dos Campeões feminina, em 2022. Esta época, o Lyon afastou o Benfica nos quartos-de-final da *Champions*, para depois cair na final de Bilbau frente ao Barcelona, por 2-0. Antes de ser treinadora, Sonia Bompastor teve uma carreira notável como jogadora, sendo capitã da seleção gaulesa, que representou por 156 vezes.

O Chelsea, atual Pentacampeão Inglês, vai pagar uma compensação ao Lyon, já que a treinadora tinha contrato com o clube francês por mais um ano. Em Londres, Sonia Bompastor vai ocupar o lugar deixado vago por Emma Hayes, que rumou à seleção dos Estados Unidos, tendo assinado um contrato válido por quatro temporadas, contado com os seus adjuntos Camille Abily e Théo Rivri.

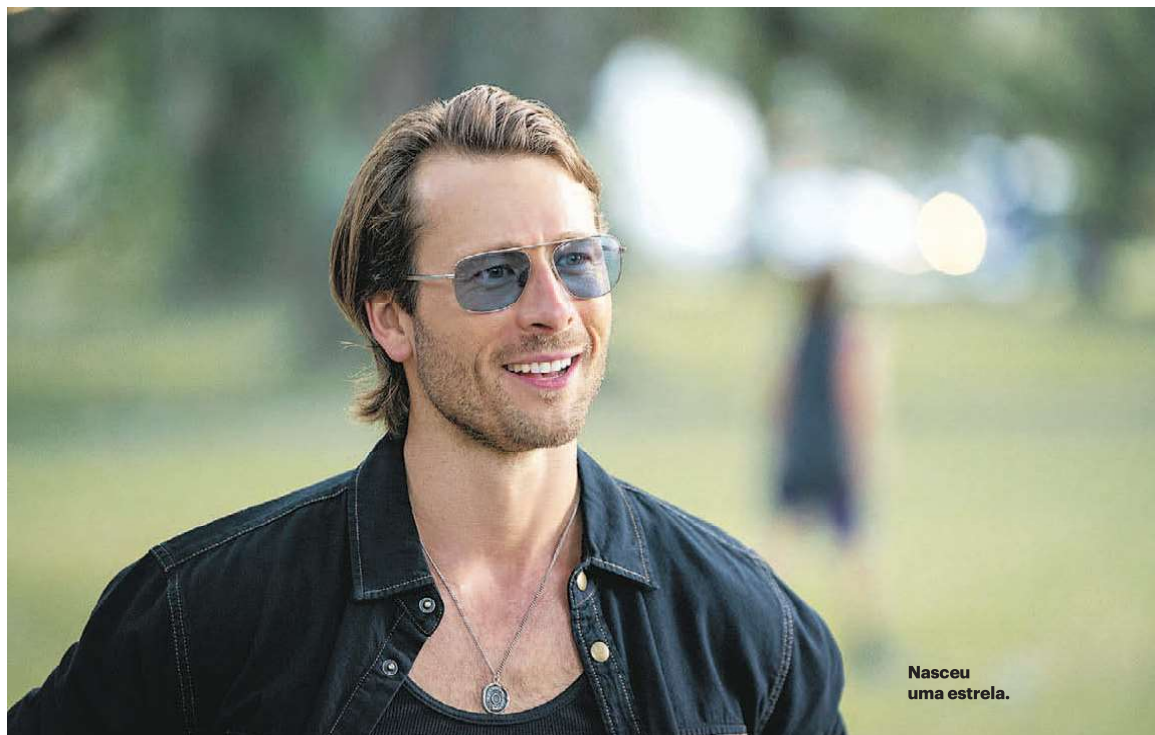
Município aprova 24 títulos do Sporting

A Assembleia Municipal de Lisboa reconheceu na terça-feira a pretensão do Sporting de ter 24 títulos de Campeão Nacional de futebol e não 20 como indica a Federação Portuguesa de Futebol, após um estudo feito recentemente. Os leões exigem que os quatro troféus do Campeonato de Portugal sejam equiparados àqueles que alcançaram no Campeonato Nacional, algo que é negado pela FPF, que considera tratar-se o Campeonato de Portugal a competição que antecedeu a Taça de Portugal, sendo que inclusive a taça original tem inscritos os vencedores dessa primeira competição.

Na sessão da assembleia, Bruno Mascarenhas, deputado municipal e antigo vogal do Conselho Diretivo do Sporting, apresentou um "voto de saudação" aos leões pela conquista da I Liga 2023/24, referindo teria sido "proposto pela mesa, consensualizado pelos partidos e votado por unanimidade". "Lisboa acolheu aquilo que o Sporting reconhece e que são os 24 títulos", disse o deputado municipal eleito pelo Chega.

BERTRAND GUAY / AFP

Alcaraz apurado para a terceira ronda

O espanhol Carlos Alcaraz (3.º do *Ranking ATP*) apurou-se ontem para a 3.ª ronda de Roland Garros, ao derrotar o neerlandês Jesper de Jong (176.º) em quatro *sets* (6-3, 6-4, 2-6 e 6-2). O tenista de 21 anos vai agora defrontar o vencedor do encontro entre Sebastian Korda (EUA) e Soonwon Kwon (Coreia do Sul).

Nasceu uma estrela.

A explosão Glen Powell

CINEMA Richard Linklater regressa à grande forma com uma comédia em jeito de *thriller*, a servir de plataforma de revelação para um ator que ainda não havia desfrutado do seu momento. *Assassino Profissional* é cinema espantosamente profissional.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

"Quem é Glen Powell?", pergunta legítima do leitor. Por certo, ninguém que tenha impressionado até agora, à exceção do tronco nu atlético numa partida de futebol americano à beira-mar em *Top Gun: Maverick*. Um ator que se perdia de vista nos elencos – para além do *blockbuster* de Tom Cruise, entra em *Todos Querem o Mesmo*, de Richard Linklater, mas de resto o seu currículo é uma mistura de comédias românticas, televisão e produções mais ou menos anónimas –, e de repente, ei-lo a comandar o novo *thriller* bem-humorado do dito Linklater, com uma interpretação que, pela riqueza inesperada, ficará no balanço do ano como uma grande descoberta. Do mais seguro, hábil, articulado e *sexy* que se viu pela lente do realizador texano.

E assim, talvez faça algum sentido que nunca tenhamos dado pelo indivíduo: neste *Assassino Profissional*, Powell é um mestre do disfarce, capaz de existir dentro do esquema de realidade mental que assume para as suas personagens. Em suma, alguém cuja arte camaleónica pode fazê-lo "passar despercebido", nos termos necessários.

Por mais extravagante que pareça, a história do protagonista tem um fundo de verdade: Gary Johnson foi um colaborador da polícia de Houston, Texas, que se especializou em disfarces e diferentes identidades para passar por assassino a soldo, levando à incriminação de quem marcava encontro com ele para finalizar o acordo e pagar o serviço (tudo feito sob escuta, de forma a apanhar os supostos clientes em flagrante delito). E é assim que vamos ver Glen Powell a brilhar, na pele de um simpático professor de filosofia de Nova Orleães que, como qualquer *nerd* universitário (ou não), conduz um Honda Civic, vive com dois gatos e gosta de observar pássaros... Isto quando não está a fazer perguntas interessantes aos alunos ou, precisamente, a dar uma mãozinha em operações policiais.

No início de *Hit Man*, é esta versão pacata que temos do homem. Mas quando Gary é chamado a substituir um polícia infiltrado que fez asneira, o seu nível de desempenho e improvisação revelam-se de tal maneira que não restam dúvidas sobre o momento "nasceu uma estrela!".

A partir daí, ninguém o para – ou melhor, a ocasião surgirá em que uma bela cliente (perfeita Adria Arjona) lhe pede para matar o marido abusivo, e ele, deixando-se levar pela química do instante, consegue convencê-la a desistir do pedido e usar o dinheiro na sua própria independência... Que é como quem diz: o romance entre os dois torna-se inevitável e perigoso, num contexto profissional delicado (porque ele mantém a máscara sedutora do assassino), e com contornos extremamente afrodisíacos.

Diversão com cérebro

Do princípio ao fim, *Assassino Profissional* prima pela tónica inteligente que vem da escrita (argumento coassinado por Linklater e o próprio Glen Powell) e passa para o corte das cenas, sempre no ritmo certo, sempre trabalhadas como um músculo de comédia bem definida. Na verdade, há muito tempo que o realizador de *Antes do Amanhecer* não alcançava esta nota de plenitude no seu cinema mais "ligeiro", de que a anterior tentativa, *Onde Estás, Bernadette?* (2019), com Cate Blanchett, será um exemplo francamente menor.

Em *Assassino Profissional* a diversão é concebida ao detalhe, há uma garantia constante de que o registo não perde as suas coordenadas, e sente-se quase um toque de génio na forma como Linklater e Powell elaboram a personagem, dando-lhe mesmo um fundamento intelectual.

Ou seja, Gary Johnson não faz o que faz apenas para animar os seus dias solitários. Há um interesse concreto no estudo do comportamento humano que dá sentido à ação e amplifica o jogo existencial. Daí que as cenas de aula, em que ele coloca questões aos alunos sobre o quanto nos conhecemos a nós próprios ou se se pode considerar algo como um "eu" irredutível, sejam muito mais do que apontamentos acessórios – as reflexões sobre a identidade estão espalhadas por todo o filme, sem que o pendor filosófico perturbe o ângulo soalheiro, leve e ultraprazeroso.

Acima de tudo, insisto, ponha-se os olhos em Glen Powell e no ar que dá de ser um talento inato, passando facilmente do absurdo, à irmãos Coen, para o perfil do homem sorridente sem tempero, numa *performance* múltipla que cumpre a força da premissa. O filme veste, aliás, uma agilidade muito semelhante à do ator, que também consegue remeter para algo muito "clássico" do cinema americano – pensemos na referência do *film noir* –, enquanto circula sem travões pela linha da brincadeira revigorante o tempo todo, sendo imprevisível quando tem de ser.

Numa altura em que o género da comédia tende a confundir-se com ficção pouco nobre, dessa que estreia com regularidade e se esquece no dia seguinte, a proposta brilhante de Linklater vem honrar uma tradição hollywoodesca que nada tem que ver com o mero exercício de estilo ou revivalismo vazio. Pode até dizer-se que a questão do estilo aqui é orgânica e solta. Responde a uma ideia de pacto entre ator(es) e argumento, e à cláusula do puro deleite. Razões pelas quais apetece usar despudoradamente um termo publicitário: imperdível.

O mapa das estrelas

	JOÃO LOPES	RUI PEDRO TENDINHA	INÊS N. LOURENÇO
ASSASSINO PROFISSIONAL		★★★	★★★★
ORIGIN – DESIGUALDADE E PRECONCEITO	★★		★★
O BÊBADO		★★★	
GRAÇA FURIOSA		★★★	★
PAIXÃO			★★★
JIM HENSON: O HOMEM DAS IDEIAS		★★★★	★★★
O PARAÍSO QUEIMA			★★
NADA A PERDER		★★★	
FURIOSA: UMA SAGA MAD MAX	★	★★★★	★★★
O REINO DO PLANETA DOS MACACOS	★★★	★★	★

● Mau ★ Medíocre ★★ Com interesse ★★★ Bom ★★★★ Muito bom ★★★★★ Excecional

Vítor Roriz, descoberta espantosa de uma ator que se apaga na tristeza de um homem do fracasso.

Há sobriedade nesta escuridão setubalense

THRILLER Um filme de *suspense* em Setúbal com máfia de Leste e tráfico de mulheres. Mas *O Bêbado*, de André Marques, é mais do que isso. Uma boa primeira obra, mesmo com alguns contratempos de principiante. Veio do *Festival Caminhos do Cinema Português*, de Coimbra, com um prémio da crítica da FIPRESCI, a federação dos críticos.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**

Parece sabotagem a forma como este filme está a ser lançado às escondidas. É com lançamentos destes que semanalmente temos o tal despique de cinema português a lutar pelo título do *flop* do ano. Sente-se uma invisibilidade insuportável – é como se não existisse: não há cartazes nas ruas, o realizador não vai às televisões, os jornalistas nem percebem a importância do visionamento e não se sente que exista uma campanha. Zero e mais zero (nem uma antestreia em Lisboa), por muito que se venha a dizer que aqui não há caras conhecidas. É por estas e por outras que cada vez mais é urgente repensar a ideia da estreia comercial para o cinema de autor português. E, neste caso, é o público quem sofre: *O Bêbado* arrisca-se a ser a grande surpresa do cinema português recente, precisamente a chegar quando há uma euforia generalizada em torno do prémio de Miguel Gomes em Cannes, com a grande quantidade e qualidade de longas no *Indielisboa* e pela aproximação de dois filmes bem recomendáveis: *Manga d'Terra*, de Basil da Cunha, e *O Teu Rosto Será o Último*, de Luís Filipe Rocha. Ironia malvada...

Surpresa mas *non troppo*...

Se há pouco escrevia surpresa era apenas porque o nome do realizador é desconhecido para todos os que não frequentam o circuito dos curtas nos festivais. André Marques, aí, tem obra e é um dos realizadores nacionais que, com formação na Roménia, criou um universo próprio, algures entre uma liberdade de movimentos contagiante e um questionamento das formas, coisas que, aliás, são bem visíveis nesta primeira obra.

Uma tragédia setubalense com noite, noite escura. Poucos diálogos e entrada funesta numa antecâmara de dor e sofrimento numa história sobre tráfico de mulheres. Assim, à partida, é sinopse para afastar o chamado espectador do *shopping*, mas Marques, também ele setubalense, filma um universo de álcool e miséria humana com um cinema que toca o coração de um outro tipo de espectador, aquele que tem coragem de sentir o mal do mundo, neste caso com uma potência dramática que é rigorosa. Uma câmara que filma a sério uma cidade, dos bares manhosos de um *bas-fond* triste a ruas despidas e reais.

Balada de anjos

O bêbado do título é um trintão desempregado que caiu nas malhas da dependência ao álcool. Sentimos que o seu coração ainda bate, mesmo mergulhado no inferno, seja na relação com a mãe, seja quando descobre uma rapariga a fugir da máfia dos tráficos humanos. É aí que este conto fica mais uma balada sobre anjos. Com acasos, fintas do destino e uma firme descaída a aceitar os princípios da decência humana.

O Bêbado pode ser também recomendado a quem acredita mesmo nesta crença do cinema português. Cinema português do qual brota uma hipótese de uma segurança de estilo que parece emprestada ao cinema romeno mais áspero. Estas fusões boas nunca dão ressaca.

Já agora, que se saiba, ninguém cá filma uma perseguição de automóveis com um *suspense* tão conseguido, nem cenas de abuso sexual tão sufocantes. André Marques entrou no mapa dos cineastas portugueses sem *lobbie* que importam ficar sob vigia cinéfila.

Jon Bernthal e Aunjanue Ellis-Taylor: entre o individual e o coletivo.

Memórias históricas do racismo

HISTÓRIA Isabel Wilkerson é uma autora norte-americana apostada em estudar as formas de discriminação racial e repressão social a partir do conceito de casta: o filme *Origin*, de Ava DuVernay, faz o retrato das suas investigações.

TEXTO **JOÃO LOPES**

O menos que se pode dizer de *Origin*, o mais recente filme de Ava DuVernay (revelado no *Festival de Veneza* de 2023) é que se trata de um objeto de respeitável ambição histórica. No seu centro está a figura de Isabel Wilkerson, interpretada por Aunjanue Ellis-Taylor, primeira mulher afro-americana a ser distinguida com o *Prémio Pulitzer* de jornalismo — aconteceu em 1994, graças às reportagens que escreveu no *New York Times* sobre a chamada Grande Cheia de 1993, atingindo regiões atravessadas pelos rios Missouri e Mississípi.

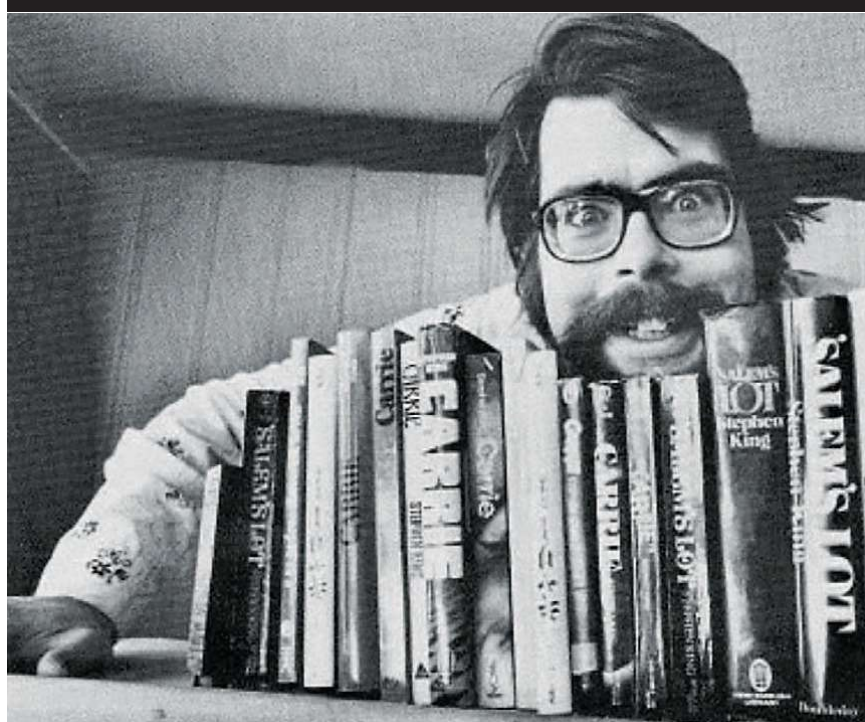
O ponto de partida do filme é o trabalho de investigação de Wilkerson que daria origem ao seu livro *Cast: The Origins of Our Discontents*, lançado em 2020 (tradução portuguesa: *Castas – As Origens do nosso Descontentamento*, Editora Cultura, 2021).

A ação é espoletada pelas suas declarações sobre o assassinato de Trayvon Martin, um jovem afro-americano de 17 anos, morto em 2012 por George Zimmerman, um polícia de raízes hispânicas com 28 anos — pela sua dimensão trágica e também pela arbitrariedade do acontecimento (Trayvon limitava-se a caminhar pelas ruas da sua comunidade, à noite, a caminho da casa da companheira do seu pai), o crime abalou profundamente a sociedade americana, relançando múltiplas análises e discussões sobre o racismo.

Entre nós, o filme surge com um subtítulo — *Desigualdade e Preconceito* —, obviamente justificado, ainda que insuficiente para dar conta da abrangência do labor de Wilkerson. Isto porque a desmontagem do sistema racista está longe de esgotar a visão da autora. Em boa verdade, no centro da sua investigação está a própria discussão dos limites interpretativos e críticos da noção de racismo.

Na sequência da morte do marido (Jon Bernthal), Wilkerson lança-se numa imensa saga de investigação cuja premissa fundamental é a insuficiência da repressão racista para dar conta de muitas convulsões da história dos EUA. De tal modo que, a partir da noção de casta, e dos mecanismos de desumanização que a sustentam, o seu estudo evolui no sentido de demonstrar a universalidade dessa noção. Mais ainda: ela recorre a paralelismos com o extermínio dos judeus pelos nazis ou o apertado sistema (de castas, precisamente) que continua a marcar as relações sociais na Índia.

Escusado será dizer que a lógica de investigação do livro de Wilkerson pode ser (e tem sido) muito discutida. O filme não o esconde, pontuando a ação com vários diálogos sobre esta "ampliação" do conceito de casta. O certo é que o faz quase sempre num registo algo mecanicista de *flashbacks*, embora tentando preservar os ecos conjugais e familiares da trajetória da autora.

Nesta perspetiva, e para lá das louváveis intenções pedagógicas, creio que podemos dizer que *Origin* revela os mesmos limites de outro filme da realizadora, *Selma* (2014), evocando a ação de Martin Luther King na defesa dos direitos universais de voto. A meu ver, o seu trabalho em registo de minissérie — recordo, sobretudo, *When They See Us* (Netflix, 2019) — é, no plano narrativo, francamente mais interessante.

Stephen King: Um Mal Necessário.

A literatura também se vê

STREAMING À boleia da *Feira do Livro de Lisboa*, chegaram à Filmin cinco documentários "literários". Dos americanos Stephen King e Bret Easton Ellis aos franceses Baudelaire, Sartre e Camus, passando pelo bibliófilo Umberto Eco, há um território de curiosidades para descobrir. E também subscrições para oferecer.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

É uma iniciativa conjunta entre a plataforma Filmin e o grupo editorial Leya. Durante os dias da *Feira do Livro de Lisboa* (que arrancou ontem e termina a 16 de junho), a compra de um livro nas bancas da Leya dá direito a um código promocional, que equivale a um mês grátis de subscrição Filmin. Isto ao mesmo tempo que se celebram os rostos da literatura nesse catálogo do *streaming*.

Temos então, de um lado, os livros, e do outro, o universo dos escritores e as suas histórias biográficas, arrumados numa estante virtual chamada *Filmin Books* – aí se encontram cinco documentários que permitem conhecer melhor o segredo por trás do sucesso de Stephen King, a polémica publicação do romance *Psicopata Americano*, no início dos Anos 1990, a mulher escondida nos versos de Baudelaire, a zanga de Sartre e Camus, ou a magia dos livros segundo Umberto Eco.

American Psycho: Bret Easton Ellis.

Jeanne e Baudelaire.

Em terras americanas

Começando por *Stephen King: Um Mal Necessário* (2020), documentário de Julien Dupuy, estamos perante uma janela dinâmica com vista para o fenómeno popular de um dos maiores ícones da literatura de terror. Reunindo diversas entrevistas de King ao longo dos anos, mas também palestras e excertos de adaptações cinematográficas dos seus livros (afinal, é o mais adaptado dos escritores), este surge como um olhar panorâmico que apanha toda a dimensão do sucesso, e o que está por trás disso, desde a reflexão sobre o medo e a violência na cultura americana aos temas específicos da sua literatura.

> Espreita-se o famoso caso de *The Shining* (1980), essa celebérrima adaptação de Stanley Kubrick que Stephen King não apreciou, no espírito da sua letra.

Espreita-se aqui o famoso caso de *The Shining* (1980), essa celebérrima adaptação de Stanley Kubrick que Stephen King não apreciou, no espírito da sua letra, mas igualmente o modo como o romance *A Zona Morta* adivinhou Trump... Pouco mais de 50 minutos bem passados com as ideias do autor de *It*, que é um feroz defensor dos hábitos de leitura.

Já *American Psycho: Bret Easton Ellis* (2021), de Jean-Christophe Klotz, como o título indica, concentra-se no muito controverso romance de Bret Easton Ellis, hoje uma obra de culto, que aquando da sua publicação pôs os *media* americanos e franceses a debater sobre a violência descrita no livro.

Três décadas depois do lançamento, o escritor da *Geração X* senta-se para conversar, discorrendo sobre o que esteve na origem da criação da personagem do serial *killer* Patrick Bateman (interpretado no cinema, com furor, por Christian Bale), e tenta observar à distância toda a repulsa gerada nesses Anos 90. Um choque e reação massiva aqui dissecados com a ajuda de editores, especialistas e autores amigos de Ellis.

Com efeito, a crítica e os leitores da época parecem não ter ido além do verniz estilístico da dita violência, porventura ignorando as questões de fundo sobre a representação da alta finança, a cena de Wall Street nos Anos 80 e todo o simbolismo de uma sociedade doente, explorados em *Psicopata Americano* com um humor, pelos vistos, inadmissível. O documentário vem fazer um pouco de luz sobre as razões erradas que o tornaram um clássico da literatura, e usa motivos visuais explícitos – machados e salpicos de sangue – para brincar com a memória.

A intelectualidade francesa

Sendo quase todas produções televisivas francesas, os documentários centrados em figuras do específico contexto literário francês apresentam-se, mais do que os outros, como objetos de uma certa tradição cultural de TV, em que impera a narração *voz-off*. Caso de *Jeanne e Baudelaire* (2022), de Régine Abadia, a versar sobre a história de amor entre o poeta e uma mulher negra, na Paris do século XIX. Uma pesquisa em torno da "mulher sem nome" que é Jeanne Duval, e cuja presença ocultada numa pintura de Gustave Courbet desencadeia uma narrativa sobre o modo como se tentou apagar o seu rasto da vida de Charles Baudelaire (por óbvias motivações racistas), apesar de a sua influência persistir nos poemas do livro *As Flores do Mal*, com descrições inequívocas.

Por sua vez, *Sartre e Camus: O Fim de Uma Amizade* (2014), de Joël Calmettes, percorre a cronologia da proximidade entre os dois escritores politicamente ativos, até ao ponto em que as suas posturas intelectuais entraram em rota de colisão.

Trata-se de perceber as diferenças entre o homem de origens humildes, Albert Camus, e a personalidade cultural Jean-Paul Sartre, nascido em berço burguês, olhando as fases desta amizade instigada, antes de mais, pela leitura dos livros um do outro, que no plano pessoal se foi degradando publicamente à medida que as *nuances* políticas (apesar de serem ambos de esquerda) se intrometeram na relação humana. Uma radiografia dos autores de *O Estrangeiro* e *A Náusea*, respetivamente, complementada com arquivos e gravações inéditas de ambos.

Elogio da biblioteca

Finalmente, *Umberto Eco – A Biblioteca do Mundo* (2022), documentário de Davide Ferrario que passou pelas salas no último ano, aparece neste pacote de novidades Filmin como a faceta que faltava: o amor aos livros, na imagem daquele que o cultivou incessantemente.

É uma verdadeira viagem lúdica pelas estantes, ideias-chave e bibliofilia do autor de *O Nome da Rosa*... que não gostava de ser lembrado apenas por este romance. Alicerçado no sentido de aventura literária de Eco – e na sua biblioteca com mais de 30 mil livros, entre os quais 1200 obras raras e antiquíssimas –, Ferrario cria uma experiência de comunhão com a memória analógica, através de excertos de entrevistas e conferências do estudioso italiano, mas também interlúdios performativos que dão vida às suas palavras.

Um olhar de puro fascínio pelo objeto livro, que remata lindamente o ciclo de uma mão-cheia de documentários prontos a satisfazer diversas curiosidades literárias. Dir-se-ia que são perfeitos suplementos de leitura.

A imagem mostra uma cena da série televisiva *A Jornada ao Oeste*. As personagens principais incluem: o bondoso e compassivo Tang Seng, montado no seu cavalo branco, o inteligente e corajoso Sun Wukong, com o seu bastão dourado, o ingénuo e preguiçoso Zhu Bajie, com o seu forcado, e o leal e fiável Sha Heshang, carregado da bagagem.

O *Ballet* Nacional da China apresenta ao público *O Sonho das Mansões Vermelhas*.

Fantasia e Realidade: romances clássicos chineses

Os romances clássicos chineses abrangem tanto lendas e mitos românticos misteriosos, quanto contos históricos que refletem a realidade social. *A Jornada ao Oeste*, *O Romance dos Três Reinos*, *À Margem da Água* e *O Sonho das Mansões Vermelhas* são as obras mais representativas.

Será que já ouviram falar da história de Sun Wukong, conhecido também por Rei Macaco. Esta figura, por natureza inteligente, vivaz, leal e inimigo do mal, protege o mestre Tang Seng (Monge Tang) na sua viagem à Índia de procura das Escrituras Sagradas do Budismo. Pelo caminho, ele e os seus companheiros encontraram muitos demónios, mas conseguirão derrotá-los. Sem medo das dificuldades, vencerão as 81 calamidades e, finalmente, atingirão o seu objetivo.

Sun Wukong é muito querido pelos chineses e é considerado um grande herói pelas crianças. A sua imagem é frequentemente vista em filmes, séries de desenhos animados e jogos. De facto, Sun Wukong deriva do romance fantástico da Dinastia Ming *A Jornada ao Oeste*, um dos Quatro Grandes Romances Clássicos da China.

A origem dos romances clássicos chineses remonta ao período do Qin Anterior. Obras como o *Shan Hai Jing* (*Clássico das Montanhas e Mares*) já incluíam muitas histórias mitológicas e fantásticas, revelando a imaginação dos antigos chineses e a sua exploração de um mundo misterioso.

Na 1.ª edição desta rubrica, falámos da lenda de Chang'e voar para a Lua, que é a origem do *Festival do Meio do Outono*. Esta lenda deriva do *Shan Hai Jing*. Durante a Dinastia Tang, os romances clássicos chineses foram ficando cada vez mais enriquecidos. Conhecidos como *Tang Chuanqi* (*Histórias curtas da Dinastia Tang*), abordavam não só temas mitológicos e sobrenaturais, mas também realidades sociais, descrevendo histórias de pessoas de diferentes classes sociais.

Nas dinastias Ming e Qing, com o desenvolvimento económico, especialmente com o progresso técnico do setor da impressão, os romances evoluíram da forma oral para a escrita e, assim, foram mais facilmente reproduzidos e amplamente divulgados. Foi nesse contexto que surgiram os *Quatro Grandes Romances Clássicos da China*, nomeadamente:

– *O Romance dos Três Reinos* é o primeiro romance histórico estruturado por capítulos na História da China. Escrito por Luo Guanzhong, romancista do final da Dinastia Yuan e do início da Dinastia Ming, situava o enredo no ambiente da China do final da Dinastia Han Oriental, e a maioria das suas personagens são figuras históricas reais. A obra retrata as lutas políticas e militares entre os três reinos de Wei, Shu e Wu, ilustrando não apenas as grandiosas cenas de batalha, mas também os complexos jogos de poder e estratégia. Além disso, dá vida a figuras emblemáticas como Zhuge Liang, o estratega militar, cuja capacidade de previsão é quase sobrenatural; Guan Yu, um símbolo de lealdade e coragem; e Zhang Fei, famoso pela sua bravura impetuosa;

– *À Margem da Água*, escrito por Shi Nai'an entre o fim da Dinastia Yuan e o início da Dinastia Ming, conta a história de 108 heróis que se unem na Liangshan (Montanha Liang) para lutar contra a corrupção do governo, no final da Dinastia Song do Norte. O livro retrata, de forma vívida, as características de personalidade e as aptidões marciais desses heróis, ao mesmo tempo que expõe os males sociais da época;

– *A Jornada ao Oeste*, escrito por Wu Cheng'en, da Dinastia Ming, conta a história da viagem do mestre Tang Seng com a proteção dos seus quatro seguidores à procura das Escrituras Sagradas do Budismo. Combinando os elementos da mitologia tradicional chinesa, lendas populares e sutras do budismo e do taoismo, esta obra é cheia de imaginação;

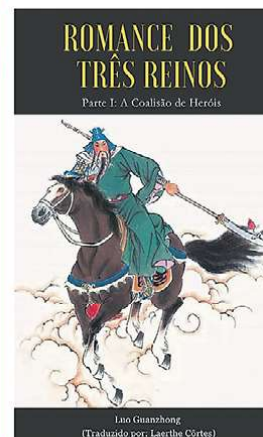
– *O Sonho das Mansões Vermelhas*, obra de Cao Xueqin durante a Dinastia Qing, narra a ascensão e o declínio de quatro famílias aristocráticas, bem como a história de amor entre as personagens principais, Jia Baoyu e Lin Daiyu. O romance expõe os diversos males da sociedade feudal chinesa e investiga simultaneamente os aspetos luminosos e sombrios da personalidade humana.

Os *Quatro Grandes Romances Clássicos* foram traduzidos para várias línguas e divulgados globalmente, mas as versões em português só começaram a aparecer nos últimos anos, muitas delas sendo traduções das suas versões inglesas.

Adicionalmente, a coleção de contos de Pu Songling, intitulada *Contos Chineses de Fantasia*, é um famoso clássico da literatura fantástica antiga da China, que compila lendas populares e histórias de fantasmas refletindo a vida social da época.

Em 2022, após três anos de trabalho de tradução, docentes e alunos do Departamento de Português da Universidade de Macau conseguiram publicar um livro que inclui 60 contos clássicos dos *Contos Chineses de Fantasia*, facilitando o acesso dos leitores lusófonos aos romances clássicos chineses.

Se tiverem interesse pela cultura chinesa, estejam à vontade para deixarem os vossos comentários através do *e-mail: contato.cultchina@gmail.com.*

A imagem mostra as capas dos livros em português *Contos de Fantasia Chineses* e *O Romance dos Três Reinos*. A primeira é traduzida pelos docentes e alunos da Universidade de Macau.

INICIATIVA DO MACAO DAILY NEWS

PUBLICIDADE

avisos, tribunais e conservatórias

Empreitada para a Construção do Aumento do Número de Vias do IC20 – Via Rápida da Caparica, entre o Nó A2/IC20 e o Nó de Casas Velhas

A partir de 3 de junho de 2024, por um período de 12 meses

A AEBT - Autoestradas do Baixo Tejo, S.A. informa que, a partir do próximo dia 3 de junho de 2024, e por um período de 12 meses, e no âmbito da empreitada em curso para a Construção do Aumento do Número de Vias do Lanço IC20 – Via Rápida da Caparica, entre o Nó A2/IC20 e o Nó de Casas Velhas, serão realizados cortes pontuais, quer da plena via do IC20 quer de Ramos dos Nós de Ligação (Sublanços Nó A2/IC20 / Hospital / Casas Velhas), principalmente em período noturno.

Estes constrangimentos serão comunicados previamente à sua materialização.

A AEBT tem consciência dos incómodos resultantes da obra numa via que está aberta à circulação, mas está certa de que os possíveis incómodos serão largamente compensados pelo nível de segurança que resulta de uma infraestrutura continuamente adaptada às necessidades de quem a utiliza.

O Número de Assistência e Informação 210 730 300 está à disposição dos automobilistas, para prestar as informações e os esclarecimentos que considerem necessários.

ADMINISTRAÇÃO CONJUNTA DA AUGI BAIRRO CASAL DA PERDIGUEIRA

União das Freguesias de Pontinha e Famões

Concelho de Odivelas

Pontinha, 28 de maio de 2024

Ata Número Nove – Extrato

A Comissão de Administração Conjunta da AUGI do Bairro Fontainha das Pias **torna público que na Assembleia de Proprietários e Comproprietários realizada no dia 26 de maio de 2024, em segunda convocatória, pelas 10 horas, foi deliberado:**

a) Por unanimidade, aprovar os relatórios e contas dos anos de 2018, 2019, 2020, 2021, 2022 e 2023.

b) Por unanimidade, aprovar a comparticipação, por lote, para o ano de 2024 no valor total de €750 a ser liquidada em três tanches de igual valor de €250, com vencimentos em 31/07/2024, 31/12/2024 e 31/03/2025.

c) Por unanimidade, aprovar a Comissão de Administração Conjunta da AUGI composta por **Presidente**: Armindo Romana; **Tesoureira**: Maria Inês Monteiro; **Vogal**: Ana Paula Calçada.

d) Por unanimidade, eleger a Comissão de Fiscalização, composta por: **Presidente**: Sónia Monteiro; **Vogais**: Tânia Fernandes e Abel Assunção.

A Comissão de Administração

Rua da Liberdade, Lote 95, Casal da Perdigueira
1675-027 Pontinha | coadcasalperdigueira@gmail.com

AVISO

PROCEDIMENTO DE RECRUTAMENTO

Áreas de atividade: **MARKETING DOS CURSOS E ADMISSÕES E NOVA CIDADE – URBAN ANALYTICS LAB DA NOVA IMS**

Os/as interessados/as deverão consultar o edital constante no *website* da NOVA IMS.

Lisboa, 30 de maio de 2024

O Administrador Executivo
Pedro Garcia Bernardino

necrologia

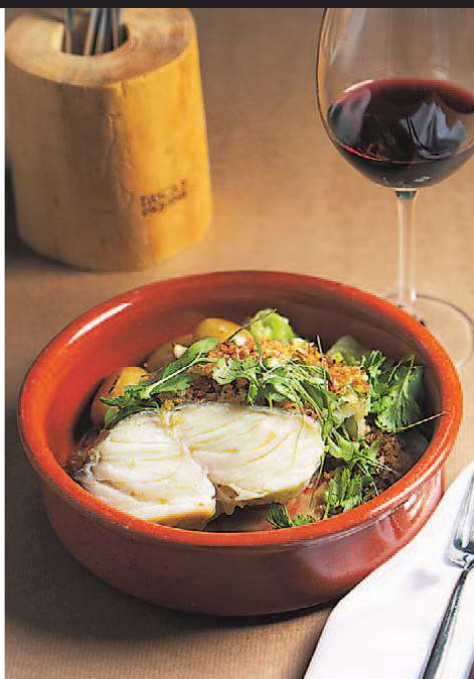
JÚLIA MARIA JOSÉ DOS SANTOS FERREIRA LEIRIA PINTO

MISSA DE 30º DIA

Sua Família participa que será celebrada Missa de 30º dia, amanhã dia 1 de Junho pelas 18h30 horas na Capela de Nossa Senhora de Monserrate (Jardim das Amoreiras).

TRIUNFO

AGÊNCIA FUNERÁRIA TRIUNFO | 800 100 106 - funerariatriunfo.pt

O Tasca da Esquina está a celebrar o 15º aniversário. E com nova carta.

O serviço *Pratos em Família* tem sugestões que não estão na carta do restaurante Tasca da esquina.

Comida de tacho em família? O *chef* cozinha

COMIDA Vítor Sobral lançou um novo serviço para todos aqueles que querem fazer uma refeição em família: basta encomendar e a comida aparece à mesa, seja feita no restaurante ou na casa do próprio cliente. Parece *take away*, mas não é: estes pratos não fazem parte da ementa da Tasca da Esquina, que celebra 15 anos de existência.

TEXTO **SOFIA FONSECA**

É a pensar em momentos de partilha vividos em família que Vítor Sobral lança um novo serviço que permite agendar um almoço ou jantar, preparado pelo *chef*, num local à escolha, seja no seu restaurante de Campo de Ourique, em Lisboa, seja na casa do cliente. Uma aposta, intitulada *Pratos em Família*, que surge em plena celebração dos 15 anos da Tasca da Esquina, espaço que tem agora uma nova carta.

"As pessoas encomendam e nós fazemos", simplifica o *chef*. Os pratos podem ser confecionados no restaurante e depois levados para casa ou pode ser tudo feito em casa do cliente, pela equipa do *chef* ou pelo próprio Vítor Sobral. Tudo depende da disponibilidade financeira do cliente. Vítor Sobral não avança um valor-base, explica que o orçamento está dependente de muitas variáveis, mas adianta que o *Pratos em Família* se distingue do normal serviço de *take away* pelo facto de os pratos não integrarem a ementa do restaurante.

Caldeirada de peixe à *homens do mar*; Arroz de lavagante, gambas listadas e aromáticos; Massada de tamboril, bivalves e hortelã; Bacalhau com todos; Arroz de cabidela de galinha bio; Cabrito da Sertã estonado; Assado no forno com arroz de cogumelos e miúdos do mesmo; Cozido de ossos de porco malhado de Alcobaça bio e enchidos regionais; e Ensopado de borrego bio com vagens, são as propostas de Vítor Sobral, que quer ver as pessoas a "desfrutar de um tacho ou de um tabuleiro de comida em família".

Além destes, o *chef* está também aberto a sugestões dos clientes, sendo que, para entradas, sugere Fígados de coentrada ou Canja de línguas e poejos.

A 13 de junho o restaurante Tasca da Esquina, o primeiro dos vários espaços com a marca da Esquina, comemorará 15 anos de existência. Uma data que Vítor Sobral não esquecerá. "Foi fantástico. Finalmente realizei o meu sonho", lembra acerca desse dia, o mesmo em que, uns anos mais tarde, lhe nasceu um filho.

Até então, o *chef* tinha estado ligado a restaurantes "com alguma pretensão" – passou, por exemplo, pelo Alcântara Café, pelo Sofitel, pelo Café Café, pelo Clube de Golfe da Bela Vista ou pelo Terreiro do Paço – e a Tasca da Esquina representou uma viragem no currículo.

> A 13 de junho o restaurante Tasca da Esquina comemorará 15 anos de existência. Uma data que Vítor Sobral não esquecerá: "Foi fantástico. Finalmente realizei o meu sonho."

"A celebração destes 15 anos é muito importante para mim. Marca um trabalho consistente de promoção das raízes e tradições portuguesas, permitindo que a nossa cultura gastronómica não fique esquecida, mas, pelo contrário, se torne cada vez mais enriquecida e conhecida", diz o *chef*. "O caminho que optei por fazer foi o caminho certo", conclui Sobral, que acaba de lançar uma nova carta neste seu restaurante.

Porco biológico malhado de Alcobaça, Bacalhau à Monção ou Marinada de peixe são algumas das novidades, mas, os clientes habituais poderão continuar a apreciar aqueles que são já imagem de marca da Tasca da Esquina, como as Lascas de bacalhau, a Salada de polvo, as Lulas salteadas, o Pica-pau ou o Bacalhau à Brás.

"Fazia todo o sentido manter na ementa alguns dos pratos que fazem parte da história e identidade do restaurante. São pratos sentimentalistas que nos trazem um pouco de nostalgia, mas também de orgulho do nosso percurso", comenta o *chef* Vítor Sobral.

Além de Campo de Ourique, a Tasca da Esquina está também presente em São Paulo, no Brasil, e a marca da Esquina inclui ainda o Pão da Esquina, em Alvalade, o Petiscos da Esquina, na Ajuda, a Lota da Esquina, em Cascais, e a Taberna da Esquina e o Petiscaria da Esquina, ambos na Avenida Repú- blica, na capital.

Este último é a mais recente aposta do *chef*, de portas abertas há pouco mais de um mês, com uma carta cheia de petiscos bem típicos, como as Moelas em tomatada, o Pica-pau de novilho, o Berbigão à Bulhão Pato ou a Salada de orelha de porco de coentrada.

"Temos os petiscos mais emblemáticos e outros que quis apresentar como uma reinterpretação da nossa cozinha, como Bochecha de porco, Pimentão da horta e *pickles* ou Lulas salteadas com limão e salsa. São quase duas dezenas de petiscos, além das ofertas de pratos", descreve o *chef*.

Diario de Noticias

AS FESTAS DO BUÇACO

UM GRANDE DESASTRE NA AVIAÇÃO

Em consequencia do mau tempo, caíram proximo de Penacova, dois aeroplanos que se inutilizaram; em outro, quando levantava vôo em Recreio, capotou, ficando bastante avariado

O tenente Alvaro Cunha ferido na queda

A VIAGEM AEREA LISBOA-MACAU

O problema da Assistencia em Portugal

TERRIVEL EXPLOSÃO em Bucarest

"FOLHAS DE ARTE"

O DIA DE CAMILO

A QUINTA ARMA

A AERONAUTICA MILITAR PORTUGUESA vai ter trinta aparelhos novos

O DIAMANTE VERDE

NOVO FOLHETIM

TODOS OS DIAS...

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 30 DE MAIO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

ASSUNTOS DO MOMENTO

O problema da Assistencia em Portugal

COMO O SR. MINISTRO DO TRABALHO PENSA RESOLVE-LO

A individualização do socorro, levando-o até ao domicilio, e fazendo-o variar na sua intensidade, na sua forma e na sua duração

Dr. Lima Duque

O problema da assistencia em Portugal está ainda por resolver. Muito tem feito a beneficencia particular. A ela se deve a maior parte dos asilos, dos albergues, dos recolhimentos e dos hospitais que o país possui. O Estado tambem tem feito bastante, mas a sua obra tem sido prejudicada pela inconstancia politica e pela falta dum plano de largo alcance, que resolva de uma maneira prática e definitiva todos os problemas da assistencia.

O actual titular da pasta do Trabalho, sr. Lima Duque, concedeu-nos uma interessante entrevista sobre o assunto. Passemos em claro as suas criteriosas considerações de ordem tecnica e sociologica para fixarmos com mais precisão o problema da assistencia, na parte que interessa o nosso país.

Diz o ministro:

—O grande escolho que a obra da Beneficencia tem encontrado sempre entre nós, é o facto de ter sido copiada, decalcada fielmente do que no estrangeiro se faz, sem se ter em atenção que as ideias, os processos e as iniciativas não são imitaveis...

—Então?

—Variam conforme os paises onde são aplicadas...

—Uma questão mesologica.

—Claro! Em 1911 era publicada a lei 25 de maio. Foi um primeiro impulso, mas deficiente.

—E foi o unico esforço realizado, esse?

—Quasi o unico. Mas não se aduire. As perturbações politicas que o país tem atravessado não têm permitido aos nossos homens de Estado ocupar-se de assuntos desta natureza...

—A sua resolução...

—Requere muito estudo, muita tranquilidade e muito sossêgo.

Mais adiante o sr. Lima Duque refere-se, nestes termos, á criação do Instituto de Seguros Sociais:

—Foi mais uma tentativa. A legislação desse instituto é, porém, tão confusa e deficiente, que poucos resultados práticos ha a registar.

—E' contrário a essa instituição...

—Contrário?!... Não é bem o termo. Eu não tenho má vontade aos Seguros Sociais. Penso simplesmente em tornar mais eficiente a sua acção, usando embora de meios diferentes aos aplicados até agora para conseguir fins analogos.

—E esses meios, segundo o projecto de lei de V. Ex.ª e do seu colega das Finanças, que ha dias os jornais anunciaram, são?...

—Descentralização dos serviços. O meu sistema é semelhante ao de Daniel Von der Heydt, que foi seguido e aplaudido pelas maiores celebridades da França, Italia, America, Austria, Polonia, Turquia, China e outros paises.

—Alguns pontos desse sistema?

—A individualização do socorro, levando-o até ao domicilio e fazendo-o variar na sua intensidade, na sua forma e na sua duração. Este principio é dos mais caracteristicos e dos mais salutares, que adoptamos no nosso sistema.

—V. Ex.ª põe de parte a assistencia religiosa?

—Não, senhor! Tento ligar, para o progresso e desenvolvimento da beneficencia: a assistencia laica á assistencia religiosa. A evidencia dos factos demonstranos, em 14 anos de experiencia, que a ligação desse: dois factores pode determinar um resultado fecundo e proveitoso para a assistencia.

—E os interesses publicos?

—Estão acautelados pela base 8.ª, do nosso projecto. Nela se lembra a conveniencia de estabelecer a fiscalização do Estado em todos os serviços.

—Mas—observamos—a aplicação da nova lei deve custar ao Estado rios de dinheiro.

—Engana-se! A base 9.ª explica claramente os recursos financeiros das instituições de beneficencia. Veja:

«O computo aproximado dos «deficits» dessas instituições dá-nos a verba de 5.000 contos, quando muito.

«Por seu lado, o calculo das receitas, baseado nas receitas actuais e na probabilidade do seu aumento pela mais vasta incidencia do imposto privativo e pela elevação de algumas percentagens de tributações já existentes, dá-nos a cifra de 12 mil contos, pelo menos. Serão, pois, suficientes as receitas propostas para o desafogo e prosperidade das instituições de assistencia publica do país.»

E concluindo, o sr. Lima Duque diz-nos:

—O meu projecto tem uma ideia nova. E' a criação duma ordem honorifica, destinada a estimular os esforços das entidades nacionais ou estrangeiras e a galardoar aqueles que põem a sua bondade e o seu carinho ao serviço de tão alevantada causa.

AS FESTAS DO BUÇACO

UM GRANDE DESASTRE NA AVIAÇÃO

Em consequencia do mau tempo, caíram proximo de Penacova, dois aeroplanos que se inutilizaram; um outro, quando levantava vôo em Aveiro, capotou, ficando bastante avariado

O tenente Alvaro Cunha ferido na queda

Director—AUGUSTO DE CASTRO

A QUINTA ARMA

A AERONAUTICA MILITAR PORTUGUESA

vai ter trinta aparelhos novos

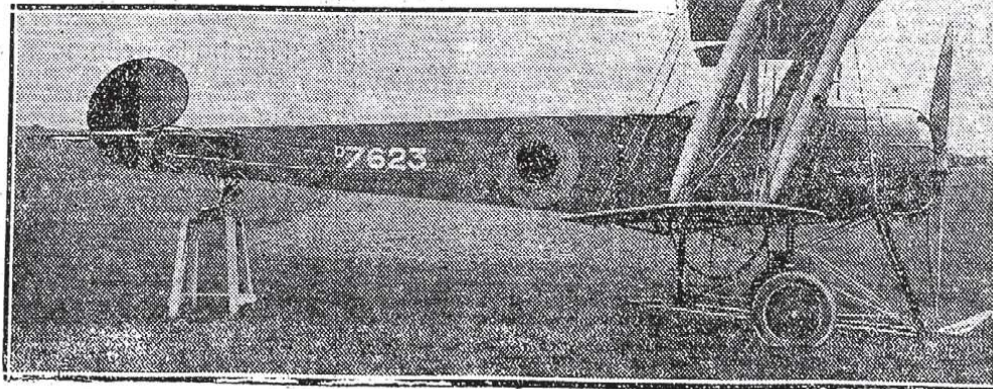
E' a primeira vez que os nossos aviadores pódem trípular aviões em primeira mão

Encontram-se já no porto de Lisboa, trazidos pelo «Delia», os trinta aviões da marca «Avro», adquiridos com os creditos cedidos á Aviação Militar.

Pela primeira vez, a nossa aviação vai ser dotada com aparelhos novos. Os que possuimos até agora, foram todos comprados em segunda mão, nos «stocks» de guerra; alguns deles chegaram ás nossas mãos com 400 horas de vôo, vindo outros em tais condições que não poderam ser montados! E com estes aparelhos é que a Aviação Militar tem procurado cumprir o seu dever, satisfazendo aos fins para que foi criada! Pois se até, de uma vez, sucedeu termos adquirido aparelhos que depois estiveram mais de dois anos em Cherburgo, á espera de embarque!...

E', por isto mesmo, bem natural e bem legitima a alegria de todos os nossos oficiais da Aviação Militar, ao vêrem agora satisfeito um desejo de tanto tempo.

Os novos aparelhos que, depois de desembarcados, seguirão para a Escola de Aviação, na Granja do Marquês, são biplaces e biplanos, tipo escola, e montados com motores «Rhone», de 110 H. P., podendo atingir a velocidade de 140 quilometros á hora. Sobem em 16 minutos a uma altura de 3.000 metros. Na aterragem, atingem a velocidade de 60 quilometros.

Os aparelhos «Avro» estão hoje espalhados por todo o mundo, e do seu modelo tem-se feito já milhões de exemplares. Os destinados á nossa Aviação Militar foram todos montados e experimentados em Inglaterra, por pilotos da casa construtora, vindo acompanhados dos certificados dessas experiencias, feitas em vôos normais ou da mais alta acrobacia.

Um avião «Avro», a cuja marca pertencem os 30 adquiridos pela Aeronautica Militar

Feira do Livro de Lisboa abriu com a presença de Marcelo

A *94.ª Feira do Livro de Lisboa* abriu ontem ao público no Parque Eduardo VII, numa edição que a organização diz ser a maior de sempre, uma vez que estão ao dispor dos visitantes 350 pavilhões de 960 editoras, sendo que a feira tem agora horário alargado e melhores acessibilidades. No dia da inauguração, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, marcou presença na companhia da ministra da Cultura, Dalila Rodrigues, e de Carlos Moedas, presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

Bugalho quer pedido de desculpas de Marta Temido

EUROPEIAS Candidato da AD disse no debate que a visita de Zelensky devia ser celebrada, algo que a cabeça de lista do PS considerou uma "brutal imaturidade".

Sebastião Bugalho, candidato da AD às Eleições Europeias, disse ontem estar à espera de um pedido de desculpas de Marta Temido, a sua adversária do PS, por lhe ter chamado "imaturo" depois de Bugalho ter considerado que a visita do presidente da Ucrânia era "um dia de festa". No final de uma visita ao Mercado de Setúbal, o candidato pela Aliança Democrática foi questionado sobre o momento que marcou o debate entre os oito candidatos às europeias de 9 de junho, terça-feira à noite na RTP.

Nesse debate, o cabeça de lista da AD às Europeias considerou que a visita do presidente da Ucrânia a Portugal traduziu-se num "dia de festa", com Temido a acusá-lo de "brutal imaturidade" por essa afirmação. "Lamento que a candidata Marta Temido tenha considerado uma imaturidade o momento em que eu disse que devíamos festejar o facto de Zelensky estar em Portugal, no dia em que o líder do seu partido disse que devíamos comemorar a vitoria ucraniana", afirmou. E acrescentou: "Como tenho a certeza que a doutora Marta Temido não queria chamar imaturo ao doutor Pedro Nuno Santos, continuo à espera de um pedido de desculpas."

O candidato da AD defendeu que "não foi um exagero" a expressão que utilizou no debate, afirmando que "a democracia portuguesa receber um presidente que está a lutar pela democracia, pelo seu território" é um dia que deve orgulhar o país e "um momento de felicidade".

"Não vale a pena os nossos adversários tentarem criar falsas polémicas, porque não têm programa para responder ao nosso", acusou Bugalho.

Questionado como o ex-comentador televisivo avalia a prestação do candidato no debate, Sebastião Bugalho riu-se e disse estar satisfeito "por debater com todos de forma elevada ideias sobre a Europa", à exceção do momento em que criticou a acusação de Marta Temido.

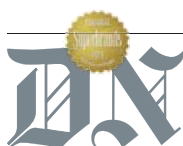
Nas Eleições Europeias, que em Portugal se realizam a 9 de junho (com voto antecipado no dia 2), serão escolhidos 720 eurodeputados, 21 dos quais portugueses. Concorrem 17 partidos e coligações. **DN/LUSA**

BREVES

Taxa turística das Berlengas rende 207 mil euros em 2023

O Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) recebeu cerca de 207 mil euros da taxa turística da Reserva Natural das Berlengas em 2023. No ano anterior, o primeiro em que entrou em vigor, a receita dessa taxa foi de 164 mil euros. No ano passado, a Reserva Natural das Berlengas, no Distrito de Leiria, foi visitada por 77 586 pessoas, de acordo com o ICNF, reportando-se ao registo *online* de visitantes, através da plataforma *Berlengapass*, implementado no mesmo ano e que permite ao turista fazer a marcação da sua visita e pagar o respetivo custo, que inclui a taxa de visitação. Segundo o ICNF, o balanço das duas medidas (taxa turística e *Berlengapass*) "é positivo", uma vez que "permite contabilizar o número de utilizadores e controlar a respetiva capacidade de carga". Daí, justificou o ICNF, "decorrem benefícios ambientais no sentido de, por via da redução da pressão humana, se travar a degradação dos *habitats*". As receitas da taxa turística, segundo a lei, devem ser "preferencialmente afetas à promoção das medidas de valorização", que estão previstas no plano de cogestão e deverão ser articuladas entre as várias entidades envolvidas nessa gestão.

Buscas no PE por suspeitas de ingerência russa

As autoridades realizaram ontem de manhã buscas nos gabinetes de um colaborador do Parlamento Europeu em Bruxelas e Estrasburgo, no âmbito de uma investigação sobre suspeitas de ingerência russa e corrupção, anunciou o Ministério Público Federal (MPF) belga. Segundo uma fonte próxima do caso, o suspeito é Guillaume Pradoura, um antigo assistente parlamentar do eurodeputado alemão Maximilian Krah, do partido de extrema-direita Alternativa para a Alemanha (AfD), que é atualmente assistente parlamentar do eurodeputado neerlandês Marcel de Graaff, membro do Fórum para a Democracia, um partido eurocético e conservador holandês. "Estas buscas fazem parte de um caso de ingerência, corrupção passiva e participação numa organização criminosa, e dizem respeito a indícios de ingerência russa, segundo os quais membros do Parlamento Europeu foram abordados e pagos para promover propaganda russa através do *site web* de notícias Voz da Europa", disse o MPF em comunicado, garantindo haver "provas de que o funcionário" em causa "desempenhou um papel importante neste caso". A investigação foi iniciada em abril, na sequência da identificação de uma rede de influência financiada por Moscovo.

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt